

COTRIJUÍ



Oswaldo Meotti conversou com a imprensa da região e fez uma análise da agricultura em 89

SITUAÇÃO EQUILIBRADA

O ano foi difícil. Os custos financeiros foram elevados, os preços agrícolas defasados em relação aos custos de produção e a política cambial levou parte do lucro do agricultor. Mesmo assim, a Cotrijuí conseguiu escapar quase ilesa dessa guerra que foi 89 e que deu de presente aos brasileiros uma inflação recorde de 1.764,86 por cento — 4, 5 e 6

Chegou a vez da citricultura

Convênio assinado com o governo do Estado vai incentivar o plantio de 150 mil mudas de citros em 13 municípios da região, área de atuação da Cotrijuí — 7



O governador Pedro Simon assinou convênio com a Cotrijuí e prefeituras da região

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Insc. INCRA nº 248/73
CGC. MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz

Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Superintendente/Dom Pedrito:
Eduardo Augusto Pereira de Menezes
Vice-presidente/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Atáides Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralio, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:

Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Amário Becker, José Dalizio R. Marchese e Ivo Vicente Basso
Suplentes:
Ervin Egon Preissler, e Arthêmio Agostini

Diretores contratados:

Vilmar Hendges e Léo José Goi.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR

Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTES

Campo Grande: Rosane Henn
Porto Alegre: Raul Quevedo

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

O ano de 1989 foi difícil, a ponto de superar as expectativas e projeções levantadas no final de 88. A inflação conseguiu atingir um patamar alarmante e fechar o ano com 1.764,86 por cento, selando um final de década que premiou os anos 80 com um índice inflacionário de 39.043.765 por cento. Na sua escalada desenfreada, a inflação de 89 conseguiu superar o índice alcançado em todos os anos 70, que foi de 1.585,60 por cento. Sinal de que a nossa economia caminhou, nestes 10 últimos anos, de forma desorganizada, embora as autoridades econômicas do país teimem em dizer ao contrário. Os planos econômicos decretados pelos governantes, em pouco resultaram e as greves se alastraram país a fora, atingindo quase todas as categorias salariais e produtivas.

A expectativa de que a nova Constituição ajudasse a restabelecer a ordem não passou de vã esperança de algum brasileiro sonhador. Nem havia sido promulgada, já era ignorada em muitos de seus pontos. E, em meados de 89, viu as taxas de juros se elevarem dos 12 por cento previstos e sacramentados em lei, para 60 por cento no final de dezembro. Mas apesar dos desajustes econômicos, do salário mínimo minguado no bolso do trabalhador, das dívidas externa e interna gigantescas, 89 ainda foi um marco na história do país. E não só pelo lado ruim. Os brasileiros puderam tirar o pó do título e escolheram, depois de 29 anos de abstinência, o novo presidente da República.

DO LEITOR

O caos brasileiro

Argemiro Luís Brum

Para quem vem de fora, após cinco anos morando no exterior, a nítida sensação que se tem, frente à situação da nossa economia, é a de estarmos diante de um enorme caos.

De fato, saí de um país, no caso a França, onde a inflação de 1989 estava prevista em 3,5 por cento, para desembarcar no Brasil onde a inflação oficial fecha o ano em torno de 1.800 por cento (contra 933 por cento em 1988). Em outros termos, no Brasil NCz\$ 1.000,00 de 1º de janeiro de 1989 passaram a valer apenas NCz\$ 53,35 em fins de dezembro de 1989 (cf. ZH, Caderno de Economia, 24/12/89, p.1).

Mas o mais chocante ainda é que enquanto os preços ao consumidor brasileiro são equivalentes aos pagos pelos consumidores dos países ricos, nossos salários se igualam aos dos países miseráveis do Planeta. Assim, um par de "tênis" (calçado esportivo), por exemplo, custava cerca de 345 FF (francos franceses) em Ijuí em meados de dezembro. Isto representava o mesmo preço pago pelo mesmo produto na França. Entretanto, enquanto o nosso salário mínimo correspondia na época a 394 FF, o salário mínimo francês situava-se em 5.000,00 FF. Em outras palavras, o salário mínimo francês é 13 vezes maior do que o nosso, porém, os preços ao consumidor são praticamente os mesmos para quase todos os produtos.

Por outro lado, 75 por cento da população ativa brasileira encontra-se na faixa de no máximo 2 salários mínimos mensais (dos 82 milhões de eleitores brasileiros, 52 por cento ganham até 1 salário mínimo e 21,8 por cento ganham entre 1 e 2 salários mínimos). Somos assim uma população paupérrima em sua grande maioria e que procura sobreviver em um país com forte crise, entrando paulatinamente em hiperinflação (perda da noção do valor do dinheiro em relação a quantidade de produto que o mesmo pode comprar);

A esperança de que as coisas melhorarão na medida em que elegemos o presidente da República, após quase trinta anos de jejum, é ingênua.

Particularmente penso que, na situação do Brasil de hoje, a tendência para 1990 é de que as coisas serão ainda piores em termos econômicos e sociais. Por quê?

Porque para baixar a inflação nacional, um dos problemas imediatos que temos, o remédio que sobrou infe-

As conseqüências de tantos desajustes econômicos neste ano de final de década castigaram violentamente um dos setores mais importantes da vida do país: a agricultura. O descaso do governo Sarney fez e aconteceu com os agricultores que, por falta de recursos oficiais, tiveram que plantar menos trigo, menos arroz, menos feijão, menos milho e menos soja num país onde alguns milhões de brasileiros não têm o que comer e outros morrem de fome. As altas taxas de juros, os preços agrícolas defasados, os altos custos de produção e a política cambial estabelecida pelo governo levaram metade do lucro que o agricultor planejava tirar da lavoura. O processo de descapitalização do agricultor se acentuou e o endividamento pode levar a um novo êxodo rural, sem precedentes na história do país.

Dentro deste quadro difícil, o sistema cooperativista se viu obrigado a assumir, mais intensamente, um novo papel, passado de fomentador à produção, para transformar-se numa "espécie de banco do agricultor". Foram das cooperativas que saíram — seja de forma direta ou indireta — os recursos para a formação das lavouras de inverno e de verão de 89. Pior do que correr o risco de não ter lavoura, é não ter produção, disse, em certa ocasião, o diretor superintendente da Cotrijui na Pioneira, Walter Frantz, numa referência à nova situação vivida pelo sistema e para quem, o ano de 90, pode até ser mais difícil, mas só em trazer perspectivas de mudança, "deve ser olhado com otimismo".



"A esperança de que as coisas melhorarão na medida em que elegemos o presidente da República após quase 30 anos de jejum, é ingênua".

lizmente se chama recessão. Ora, ninguém garante que o novo governo aplicará tal remédio de forma conveniente, isto é, extensivo a todos os setores da economia, sobretudo ao setor financeiro. E, se aplicada convenientemente, tal medida será amarga. Isto porque ela provocará desemprego, implicará em menos dinheiro em circulação, menos investimentos, sobretudo a nível do Estado, tendo por conseqüência um possível sucateamento do parque produtivo menos competitivo, através de uma seleção inclusive no setor da agropecuária.

Para completar o quadro, medidas desta natureza são tradicionalmente impopulares e deverão, por conseqüência, gerar um forte movimento de protesto da sociedade nacional. Movimento este que, apesar de justo, não ajudará em nada na solução do problema global do país.

Assim, aqueles que apoiaram o senhor Collor de Mello acreditando na promessa central de sua campanha de que "... a inflação baixará a 3 por cento ao mês em 18 meses", poderão ser os primeiros a se decepcionarem até o final de 1990.

De fato, nenhum governo em sã consciência pode prometer tal resultado face ao caos atual da economia brasileira. Isto porque não existe um projeto econômico para o Brasil. O último

(o do crescimento pela substituição das importações) data do início dos anos 30 e esgotou-se no final da década de 70. De lá para cá ficamos à deriva. E as possibilidades de afundarmos aumentaram já que o novo governo eleito igualmente não apresenta nenhum projeto de longo prazo para o nosso país. Na verdade, as declarações do novo presidente eleito estão mais para a garantia de um processo de continuidade disto que aí está, do que para mudanças substanciais que nos levem a um novo projeto de desenvolvimento econômico.

Entretanto, é claro que alguma coisa será tentada! Prevê-se que o novo governo, já em fins de março próximo (logo após a sua posse, portanto), aplicará um pacote econômico cujo conteúdo deverá registrar, dentre outras coisas, uma maxidesvalorização do cruzado novo e um congelamento de preços e salários. Algo muito parecido com o que foi tentado por ocasião do Plano Cruzado em 1986.

Ora, pacotes econômicos são medidas passageiras, de choque, que precisam ser corrigidas e aperfeiçoadas em 60 dias no máximo. Foi o que faltou para os pacotes anteriores e o resultado foi o fracasso que todos nós conhecemos. A coisa poderá se repetir, como já temos o exemplo na Argentina.

Diante deste quadro, poderemos chegar ao final do novo ano com saudades do ano de 1989.

De fato, na melhor das hipóteses o novo governo eleito, se demonstrar competência, arrumará a casa para o próximo governo que virá daqui a cinco anos. Na pior das hipóteses, já no final de seu primeiro ano de mandato, a população brasileira descobrirá que terá de aturá-lo por mais quatro anos ainda. O agravante nisto tudo é que, no caos em que se encontra a economia brasileira, não existe situação intermediária entre estas duas hipóteses.

Diante disto, o único conselho a ser dado é que nos preparemos para sobreviver, não mais que isto. Sem esquecer de que é preciso trabalharmos, e muito, para que as coisas melhorem de fato. Se o fizermos bem, talvez no espaço de uma geração (a de nossos filhos e netos) poderemos começar a melhorar a situação deste país, tirando-o do abismo onde se encontra e junto com ele a Nação brasileira.

Argemiro Luís Brum é professor da Unijui e doutor pela École des Hautes Études em Sciences Sociales — Paris, França.

Cotrijuí é destaque Gazeta Mercantil

"Um ano extremamente difícil para a agropecuária devido a uma sucessão de acontecimentos limitantes, com juros muito elevados, que praticamente inviabilizam as atividades do setor. Soma-se a isso uma política de preços funesta para os produtos agrícolas e o poder aquisitivo da população, que vem sendo cada vez mais corroído pela inflação. Não creio que tenhamos presenciado, em qualquer época da vida nacional, situação tão difícil como a que vivemos neste ano que chega ao final. Mesmo assim, e com muito sacrifício e contenção de despesas, continuamos fazendo boa figura entre as grandes empresas do "ranking" nacional, conforme vem de revelar o Balanço Anual "Gazeta Mercantil" relativo ao ano de 1989".

As declarações são do presidente Oswaldo Meotti, em face o desempenho da Cotrijuí durante o atual ano fiscal; colocando-se em 5º lugar entre as cooperativas do país, incluídas três centrais. O Balanço da "Gazeta" também identificou a Cotrijuí possuidora do 4º maior patrimônio líquido real entre a totalidade das empresas agropecuárias, e sua posição em 22º lugar entre as 100 maiores empresas do Sul, 52º lugar entre as 100 maiores empresas privadas nacionais e o 79º lugar entre os 300 maiores grupos privados nacionais.

O presidente Meotti destacou que a performance alcançada pela cooperativa só aconteceu depois de muito trabalho e inúmeros sacrifícios. E ressaltou como relevante o fato da Cotrijuí vir assumindo, cada vez mais, o financiamento aos produtores, pela cada vez maior ausência do governo no cumprimento dessa missão. Trata-se de um esforço que se pode considerar como heróico, de parte da cooperativa, funcionando na base do troca-troca, forma encontrada para viabilizar a produção.

Convênio de cooperação

A Cotrijuí e o Instituto Nacional de Tecnologia Agrícola - Inta - da Argentina, assinaram convênio de cooperação tecnológica. A assinatura do convênio que, em síntese representa um avanço na integração entre a região de Ijuí e província argentina de Formosa, aconteceu durante a visita de Eduardo Ocampo, pesquisador da Área de Soja; Rosalino Ortiz, especialista em Ervas Daninhas nas culturas do milho, soja, trigo, algodão e hortaliças e Aldo Bordón, especialista em forrageiras e Recursos Naturais, todos ligados ao Inta de Colorado, província de Formosa, à região.

Pelo convênio, o Inta se compromete a assistir os produtores da região que decidirem plantar na Argentina, a partir do próximo ano, prestando assessoria na seleção das áreas para plantio e assistência técnica. Também ficou definido, na oportunidade, formas



Os pesquisadores visitantes Eduardo Ocampo ladeado por Rosalino Ortiz e Aldo Bordón

de cooperação na área de pesquisa, abrangendo estudos para a produção de sementes de soja e de forrageiras, incentivo ao plantio direto e conservação de solos.

No período em que permaneceram na região, os três pesquisadores tiveram a oportunidade de visitar propriedades e lavouras de soja de associados da Cotrijuí em Santo Augusto, Ijuí e Condor. Além do CTC, também conheceram o Centro de Pesquisas da Fecotrijo, em Cruz Alta, e visitaram a Unijuí.

Audiência comprovada

"O recebimento de 190 cartas num período de dois meses, serviu antes de mais nada, para comprovar a audiência do programa "Hora Cotrijuí", constata o produtor e apresentador do programa, Valmir Beck da Rosa. As cartas enviadas ao programa participaram de um sorteio, onde cinco produtores foram premiados com brindes oferecidos pela própria Cotrijuí e fornecedores da cooperativa. O programa "Hora Cotrijuí" é levado ao ar todos os sábados às 6 horas da manhã, pela Rádio Repórter de Ijuí.

O associado Bernardo Patin, proprietário de 33,5 hectares de terra localizados em Ijuizinho, interior de Augusto Pestana foi sorteado com um sulno da raça Wessex, oferecido pela Cotrijuí. Os demais associados premiados foram Henrique Michael, com um filtro para automotriz; Marcelino Barbosa, com um jogo de amortecedores para carro; Mônica Barbosa, com um filtro para trator e Milton Drews, com uma bateria.

O sorteio dos brindes aconteceu no dia 23 de dezembro durante o programa e contou com a participação do superintendente da Cotrijuí na Regional Pioneira, Walter Frantz; do diretor Agrotécnico na região Léo Góti; do veterinário da Unidade de Ijuí, Gerson Madruga e de Marcos Frota. Além deste espaço já consagrado entre os associados, a Cotrijuí divulga ainda assuntos dos interesses da agropecuária nas Rádios Progresso de Ijuí, Querência de Santo Augusto, Municipal de Tenente Portela e Guarita, de Coronel Bicaco.



Formandos Apresentação de trabalho sobre a saúde da região

UNIJUÍ

A 1ª turma da saúde pública

Durante os dias 18, 19 e 20 de dezembro passado, o Centro de Ciências da Saúde da Unijuí comemorou o encerramento do curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" em Saúde Pública, ministrado pela primeira vez, e pelo qual foram diplomados 30 profissionais de 12 municípios da região. Para encerrar esta primeira experiência que em muito deve contribuir para a efetivação da reforma sanitária, através da instrumentalização de recursos humanos, ou para a integração da Universidade com a região, a turma da Saúde Pública e seus coordenadores apresentaram os trabalhos de conclusão do curso no auditório da Unijuí, onde foram destacados os temas de saúde e poder; visão

dos profissionais com vistas a implantação do SUS; a sistematização da luta pela saúde na região; o processo saúde-doença segundo a visão do usuário e saúde mental. No dia 20 aconteceu a solenidade de entrega dos certificados, ato em que participaram o reitor Telmo Rudi Frantz, o secretário de Saúde e Meio Ambiente do Estado, Antenor Ferrari, o diretor da Escola de Saúde Pública da SSMA, Marlow Kwitko, a pró-reitora de Ensino da Unijuí, Antônia Bussmann e a diretora do C.C.S., Rosana Dürks. Entre os formandos da 1ª turma de pós-graduação em Saúde Pública de Ijuí fazem parte os funcionários da Cotrijuí, Noemi Huth, Cláudio Rocha e Marli Klein.

Confraternização em Rio Grande

Com um jantar que reuniu perto de 200 convidados, a Cotrijuí Rio Grande confraternizou com autoridades, classes empresariais, lideranças políticas e da orla marítima, a 17 de dezembro, em sua Colônia de Férias localizada no balneário Cassino. Conforme já é tradicional, estiveram presentes participando do ato os nomes mais expressivos da cidade portuária, num ambiente de franca camaradagem.

O presidente Oswaldo Meotti deslocou-se de Porto Alegre especialmente para o jantar festivo, e lá confraternizou com o prefeito municipal Paulo Vidal; deputado Valdomiro Lima; presidente da Câmara Municipal, Sérgio Satt, Capitão de Portos, capitão de mar e guerra Busnardo, entre outras autoridades e amigos.

A foto registra o momento em que falava o gerente-geral da Regional Rio Grande, que administra o Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", Bolivar de Souza Lima, agradecendo a presença de todos, naquele ato de confraternização e amizade.



Jantar de confraternização Presentes as autoridades portuárias do Estado

FRASES

"Estamos trocando uma fivela por uma argola."

Felix Gottardo, conselheiro da Cotrijuí Pioneira, sobre as eleições presidenciais e a vitória de Collor de Mello.

"O produtor teve de gastar mais para produzir, mas ganhou muito menos".

"Na guerra que foi o ano de 89, estamos saindo praticamente ilesos".
Oswaldo Meotti, diretor presidente do Grupo Cotrijuí, ao fazer, em entrevista coletiva para os órgãos de comunicação da região, uma avaliação do desempenho da Cotrijuí e da agricultura nacional, no ano que passou.

"Um ano difícil, mas com otimismo. Esta é a situação que podemos nos desejar".

Walter Frantz, diretor superintendente da Cotrijuí na Regional Pioneira, falando das perspectivas para 90.

Ao fazer uma avaliação do desempenho da agricultura em 89 para a imprensa da região, Oswaldo Meotti disse que a participação da Cotrijuí foi decisiva no plantio de trigo e na atual lavoura de verão



... e o saldo positivo, apesar das altas taxas de juros, dos preços mínimos defasados e da política cambial do governo

Participação decisiva

"Na guerra que foi o ano de 89, estamos saindo praticamente ilesos," adiantou Oswaldo Meotti, diretor presidente do Grupo Cotrijuí, durante entrevista coletiva concedida aos órgãos de imprensa da região, no dia 29 de dezembro, na sede da Afuocotri de Ijuí. Além de Meotti, participaram da avaliação de final de ano, o vice-presidente e o superintendente da Regional, Celso Sperotto e Walter Frantz, respectivamente; o diretor geral do Irfa, Carlos Quintana; o diretor agrotécnico Léo Góti e os gerentes regionais Robin Bahr, Alfonso Conrad, Ênio Weber e Alberto Parenti Filho.

O setor agrícola, segundo Meotti, foi o mais penalizado em 89, tendo às suas costas a difícil tarefa de segurar a escalada inflacionária que se abateu sobre o País. O resultado desta imposição foi que o produtor teve de gastar mais para produzir, "mas ganhou muito menos." "A inflação de 1.764,86 por cento ao ano só não foi maior porque teve a colaboração da agricultura," observou o diretor presidente, citando como exemplo concreto da sua afirmação, a defasagem dos preços agrícolas praticados em 89. A soja, por exemplo, custava em dezembro de 88 NCz\$ 11,65 o saco. Um ano depois, ela vale NCz\$ 120,00, com um reajuste de 733 por cento, "frente a uma inflação que foi duas vezes maior." Na opinião de Meotti, um saco de soja deveria valer, hoje, em torno de NCz\$ 270,00 o saco.

O arroz também não conseguiu sair ileso desta ciranda de maus preços que foi 89. Há um ano atrás, valia NCz\$ 6,30. Hoje, vale NCz\$ 95,00, sofrendo uma variação de 1.132,17 por cento. "Mas na outra ponta, assinalou o diretor presidente, estão as máquinas e insumos que tiveram, no mesmo período, um comportamento diferente. O preço de uma colheitadeira equivale, neste final de ano, a 4.124 sacos de soja, "mas até o início de 89, o produtor comprava esta mesma máquina com 2.243 sacos de produto," rebate. Na aquisição de um trator básico são necessários 2.232 sacos de produto, mas até o início do ano, era possível comprar esse mesmo trator com 865 sacos. O custo de uma tonelada de fertilizantes

corresponde ao valor de 26,6 sacos de soja e "não mais os 19,5 de um ano atrás. Para adquirir um litro de fertilizante, são necessários 3,5 sacos de soja. "Esses números, destacou, mostram com clareza, como os preços agrícolas ficaram defasados em relação aos custos de produção."

Meotti apontou ainda como fatores de desestímulo a agricultura, a redução dos recursos oficiais, as altas taxas de juros praticadas no mercado financeiro, a falta de preços mínimos condizentes com os custos de produção e a política cambial adotada pelo governo em 89. "Essa política adotada pelo governo, assinalou, não só levou o agricultor a uma descapitalização, como também a um grande endividamento, principalmente junto às cooperativas.

POLÍTICA FISCAL — Ao criticar a política fiscal adotada, mais concretamente a partir do segundo semestre, o diretor presidente do Grupo Cotrijuí lembrou que hoje se paga imposto — o ICMS — sobre todos os insumos que entram na formação de um produto final "que mais tarde é novamente tributado." Hoje pagamos ICMS sobre transporte, comunicações, energia elétrica, telefonia, herbicidas, inseticidas, adubos e calcário" disse, apontando ainda outros problemas, de ordem conjuntural, como as greves que atingiram os órgãos públicos como pontos negativos e que tiveram reflexos diretos sobre a economia agrícola.

Meotti também não poupou críticas à política de desestímulo a triticultura nacional, colocando por trás dessa atitude do governo, as importações feitas da Argentina. A produção colhida na safra deste ano teve a participação direta das cooperativas "que complementaram os financiamentos das lavouras num procedimento que, historicamente já vem ocorrendo há bastante tempo." Essa complementação foi feita através da liberação dos insumos necessários para a formação da lavoura.

Aliás, a contribuição do sistema cooperativo se tornou ainda mais decisivo no plantio da atual safra de verão, enfatizou o diretor presidente,

Oswaldo Meotti
Presença forte da Cotrijuí
num ano difícil



lembrando que só na Regional Pioneira, a participação direta da Cotrijuí na formação da lavoura fechou em 40 por cento, totalizando NCz\$ 200 milhões que foram repassados aos produtores associados na forma de sementes, adubos e calcário. Ao tomarem esta atitude, entende que as cooperativas passam a assumir, cada vez mais, o papel de bancos, garantindo o plantio das lavouras em bases técnicas e em tempo hábil. Garantiu que é com esse espírito que a Cotrijuí, na sua região de atuação, pretende agir em relação a lavoura de trigo. "Vamos fazer o possível e o impossível para que a lavoura de trigo cresça em área, observou, nem que para isso, a cooperativa tenha que redimensionar suas atividades." Entende que esse "avanço na política de financiamento direto ao produtor," principalmente no caso da lavoura de verão, vai fazer com que a produção, pelo menos na região, se mantenha semelhante a do ano passado. O que pode acontecer e esse fato Meotti não desconsidera, é uma quebra na produtividade em função do menor uso de fertilizantes. "De uma maneira geral, acredito que vamos ter uma produção menor em 1990, mas, por outro lado, se não fosse a intervenção do sistema cooperativista e da Cotrijuí na região, assumindo o papel de banco, essa redução seria bem mais acentuada."

RESULTADO — Embora o volume de produção recebido no ano seja semelhante ao de 88 — em torno de 1 milhão e 100 mil toneladas — o faturamento ficou 40 por cento abaixo do anterior, segundo o diretor presidente da

Cotrijuí. A expectativa da direção é que o custo financeiro, que em meados do ano andava ao redor de 25 por cento do total da receita, "depois de alguns ajustes e do corte no uso de recursos financeiros de bancos," possa se estabilizar em torno de 15 por cento. "Devemos fechar o ano com um faturamento global, bruto, de NCz\$ 1 bilhão, contra os NCz\$ 80 milhões atingidos em 88. Na verdade, explicou ainda, multiplicasse esse faturamento de 1988 pela inflação acumulada do ano, teríamos um faturamento global de NCz\$ 1 bilhão e 400 milhões, 40 por cento maior."

Aproveitando o encontro para avaliar o desempenho da agricultura em 88, Meotti falou da expectativa da Cotrijuí para 1990. Sem querer ser pessimista, "já fomos por demais realistas no final de 89," ele mostrou-se cauteloso, não acreditando que 90 seja pior do que o ano que passou, pois entende que, se as mudanças não vierem de cima, elas serão feitas pela própria sociedade. Ao fazer essa advertência, lembrou que a agricultura, por exemplo, um dos setores mais penalizados não tem mais fôlego para suportar tantos desacertos.

Ao traçar o perfil para o futuro ministro da Agricultura, Meotti deu a indicação de alguém que conheça profundamente a agropecuária nacional, que não tenha comprometimento com a atual política monetarista e não seja paternalista. Nesse perfil, ele colocou, como de preferência, Luiz Fernando Cime Lima e, em segunda opção, Alysso Paulinelli.



Celso Sperotto
Crédito ao
novo governo



Walter Frantz
Muitos
desafios
pela frente

Dificuldades de toda ordem

"Começamos o ano de 89 com uma expectativa muito boa, principalmente depois que o governo decretou o Plano Verão, reduzindo os custos financeiros", avalia Celso Sperotto, diretor vice-presidente da Cotrijuí na Regional Pioneira, lamentando que, meses mais tarde, o plano tenha ido por água abaixo, elevando os custos financeiros a patamares jamais imaginados. "O ano iniciou com a perspectiva de uma taxa de juros de 8 a 12 por cento e terminou em 60 por cento", destaca lembrando que, pelo outro lado, o da produção, houve uma certa estagnação. "Os preços da produção não evoluíram de acordo com a inflação".

Mais adiante, tanto a cooperativa como os produtores se depararam com o congelamento do câmbio que acabou fazendo com que 40 por cento da produção de soja fosse perdida, "refletindo diretamente na economia do associado que, em consequência, ficou ainda mais descapitalizado", complementa Walter Frantz, diretor superintendente na região ao fazer um balanço do desempenho da Regional durante o ano que passou. Para agravar ainda mais a situação, os produtores tiveram problemas com a formação das lavouras de trigo em função da política estabelecida pelo governo para a cultura. A cooperativa, sem outra saída, teve de buscar alternativas para socorrer seus associados, suprindo com os recursos necessários e garantindo o plantio.

Dentro desta mesma situação, o Frantz coloca o projeto calcário, iniciado em 88 e uma das grandes arrancadas da Cotrijuí na região em termos de recuperação e conservação de solos. Por falta de recursos, o projeto teve de parar. A produção de semente da região também sofreu as consequências de um mau ano econômico. A projeção de um bom recebimento de sementes pela Regional Pioneira se confirmou, mas a chegada do ICMS acabou praticamente inviabilizando a comercialização da produção, principalmente com outros Estados.

EFEITO TESOURA — Para o superintendente da Regional, a situação econômica vivida pelo país em 89 gerou um efeito que ele chama de "tesoura", abrindo-se para os dois lados. Em um dos lados ele situa a defasagem nos preços agrícolas e do outro a elevação dos custos de produção em função das elevadas taxas de juros. "Essa inflação sem controle, observa Frantz, reflete de modo violento sobre a economia agrícola, indo desde o planejamento da atividade até a comercialização da produção.

Mas o apoio dado aos produtores para o plantio da lavoura de trigo foi só o começo, tomando formas mais acentuadas por ocasião da formação das lavouras de verão. Mesmo assumindo riscos e sem respaldo financeiro oficial, a Cotrijuí arregaçou as mangas e ficou ao lado do produtor financiando sementes e adubos para o plantio. "Sem este apoio, a região estaria economicamente murcha, destaca Frantz dizendo que a cooperativa não fez frente apenas econômica e financeiramente. Ela assumiu uma frente política que, para o superintendente, tem por trás da falta de recursos, uma indefinição da política agrícola.

PERSPECTIVAS — "As perspectivas para 90 não são muito boas, diz Celso Sperotto, colocando preços agrícolas justos, uma política agrícola definida e uma boa safra, como pontos fundamentais para que o ano seja um pouco melhor. "Não temos esperanças que tudo vá se resolver em 90, mas temos de dar nossa colaboração e um pouco de crédito ao novo presidente.

Os projetos programados para 89 continuam parados, segundo Celso Sperotto, até que pelo menos a economia se ajuste um pouco melhor. Assim, ele já adianta que os projetos para uma agroindústria na região, ficam, mais uma vez adiados. "Só vamos falar em investimentos quando os custos financeiros se estabilizarem", observa Walter Frantz, entendendo que o processo de agroindustrialização é irreversível e destacando os avanços conquistados pela Cotrijuí em 89. "Se espera que em 90 o governo implante uma política de retomada do desenvolvimento brasileiro e, dentro deste contexto haja condições efetivas para se tocar esses projetos, sem os quais a economia regional fica tremendamente prejudicada. Frantz prega ainda a necessidade de se ter na região, não apenas produtores de matéria-prima para outras regiões, mas polos industriais. "Transformar a região num grande polo industrial é o grande desafio que se coloca".

Bom ano, apesar de tudo

O ano de 1989 vai, sem dúvida alguma, ficar marcado como um ano de grandes modificações no cenário internacional, graças principalmente as mudanças ocorridas nos países socialistas. Também para o Brasil o período adquiriu maior importância devido sobretudo a realização de eleições diretas para a presidência da República, o que não ocorria desde 1960.

O setor agrícola também entrou na dança, e a inexistência de uma política adequada fez com que mais do que nunca faltassem recursos de crédito oficial para o custeio das safras, além de juros astronômicos que quase inviabilizaram a produção. Não fosse por esses problemas, teria sido um ano excelente, diz Lotário Beckert, superintendente da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul, uma vez que a produtividade das lavouras de verão e de inverno foram excelentes.

Produzir bem, entretanto, não é por si só uma garantia de rentabilidade, pois para isso é necessário também comercializar bem o resultado do trabalho e aí que residiu o grande problema no ano passado, sobretudo quanto a safra de verão. Na esperança que se repetisse a seca do ano anterior na região produtora de soja do meio-oeste americano, grande parte dos sojicultores brasileiros especularam com seu produto e viram frustradas suas expectativas, pois os preços não acompanharam a alta inflacionária.

O movimento, na opinião do superintendente da cooperativa, não atingiu seus objetivos porque na época a inflação disparou, os preços não acompanharam e muitos produtores não conseguiram pagar seus financiamentos, retardando ainda mais a comercialização da soja. Apesar disso ele avalia como positivo o "levante" pois foi capaz de unir e mobilizar a classe produtora atingindo até mesmo as indústrias moageiras.

Quando a safra de inverno, ele acha que o estado foi privilegiado, e graças as informações repassadas ao produtor, foi possível comercializar 70 por cento do trigo entregue na Cotrijuí, sem que os associados recebessem seu pagamento parcelado. Isso consequentemente beneficiou agricultores e viabilizou para muitos a atual safra de verão.

Outra novidade foi a implantação do sistema de troca-troca, comenta Lotário Beckert, pois diante da falta de recursos do Governo Federal, foi o sistema adotado pela cooperativa e pela maioria das empresas ligadas ao setor, para permitir ao agricultor que ele fizesse sua lavoura. A prática da per-



Lotário Beckert
Efetivação
de dois
projetos

muta não é nova na Cotrijuí, mas nunca antes havia sido utilizada com tanta intensidade, continua ele, lembrando que foram repassados defensivos e sementes ao quadro social que tem por sua vez comprometidos com a cooperativa 1 milhão e 200 mil sacos de soja, o que representa cerca de 25 por cento do recebimento previsto para essa safra.

Num balanço final do ano, prossegue, é preciso que o agricultor faça uma retrospectiva dos fatos ocorridos e dos imprevistos como a falta de dinheiro oficial, e tire como lição que é preciso mais do que nunca que ele se organize e comece a planejar suas safras futuras.

AS METAS PARA ESTE ANO — A curto prazo, as perspectivas para a presente safra são otimistas. Apesar das dificuldades e da falta de tecnologia nas lavouras, a previsão é que as culturas deverão propiciar um bom resultado, pois as próprias condições climáticas têm contribuído para essa expectativa otimista. Quanto a safra de inverno, o superintendente da Regional não arrisca nenhum palpite, lembrando que há um grande ponto de interrogação quanto as medidas a serem adotadas pelo novo governo.

Mas além disso, o ano de 1990 significará também para a cooperativa, a efetivação de dois dos mais ambiciosos projetos: o programa integrado de aves e a indústria de beneficiamento de milho. Eles representam na prática uma teoria que a Cotrijuí vem apregoando a muito tempo: a diversificação da propriedade rural, e a consequente melhoria econômica do seu associado.

A indústria de beneficiamento de milho deverá começar a operar até o final do mês de janeiro, diz Lotário Beckert, e o projeto de avicultura que inclui o abatedouro, a nova fábrica de rações e os aviários, entrará em funcionamento no final de maio. Além disso serão concluídos os outros projetos já aprovados pelo Conselho de Administração: a ampliação do supermercado de Maracaju e a construção de um no município de Bonito. Novos grandes investimentos não estão previstos por enquanto, prossegue ele, pois as dificuldades e a incerteza que ronda a economia nacional são muito grandes.

DOM PEDRITO

Problemas com a seca na região

A Regional de Dom Pedrito, na avaliação do seu diretor presidente, Oscar Silva, teve um ano, com muitos sobressaltos que, de certa forma serviram para atrapalhar o desempenho econômico da cooperativa na região. Entre os "sobressaltos", ele destaca a seca ocorrida no início do ano, prejudicando as lavouras de arroz e soja. A produção destas duas culturas só foi salva de uma quebra maior ainda, graças ao extraordinário rendimento alcançado.

Mas não foi só a seca que atrapalhou. A comercialização do arroz ficou por algum tempo, sendo re-

tomada lá pelo meio do ano, colocando os produtores numa situação delicada diante de custos financeiros tão elevados. A pecuária também iniciou o ano com o pé esquerdo, sofrendo muito com os reflexos da seca. "O gado engordou tardiamente e não se pode preparar bem os novilhos para o abate, refletindo de forma negativa em nosso frigorífico", observa Oscar Silva para quem, apesar de tantos "sobressaltos", a Regional está conseguindo fechar o ano com uma situação mais ou menos de equilíbrio. "De uma situação negativa que vinha se registando em

em outubro andava em NCz\$ 2 milhões negativos, chegamos em novembro só com NCz\$ 600 mil, diz, confiante num resultado que deve fechar positivo.

A Regional de Dom Pedrito, assim como a Pioneira e a de Mato Grosso, também entrou no programa de troca-troca, "já que o governo não teve recursos suficientes para financiar as lavouras. Não fosse a Cotrijuí, destaca ainda, os agricultores de Dom Pedrito não teriam plantado. Isso redundaria numa crise ainda maior na economia do município.

PROJEITOS — Bastante apreensivo



Oscar Silva
Posição de
cautela

em relação ao que possa ocorrer com a economia em 90, Oscar Silva, espera, de qualquer forma, que o novo governo cumpra com as promessas feitas para o campo. Mas enquanto a situação econômica do país não se equilibrar, ele não fala em investimento para a Regional. "A nossa posição é de cautela.

A avaliação com a imprensa

Conversar com a imprensa da região para falar sobre o desempenho da Cotrijuí no ano que passou, já se tornou uma rotina para a atual administração. No dia 29 de dezembro, na sede da Afucotri de Ijuí, Oswaldo Meotti, acompanhado pelo vice-presidente e o superintendente da Regional Pioneira, Celso Sperotto e Walter Frantz, recebeu representantes dos jornais da Manhã e Cidade, das rádios Progresso, Repórter e Antena Um, de Ijuí; da Rádio Guarita, de Coronel Bicaco; da sucursal da RBS TV, canal 3 de Cruz Alta e do Correio do Povo de Porto Alegre.

João Soller — representante da Rádio Repórter de Ijuí — Pela impressão que se tem, o balanço da Cotrijuí de 89 vai fechar favorável, mesmo diante de tantos fatores contrários, como inflação, preços mínimos defasados, taxas de juros elevadas. Qual é o segredo deste equilíbrio?

Oswaldo Meotti — Por enquanto não posso assegurar que o balanço de 89 feche com 100 por cento de equilíbrio. Ainda estamos terminando levantamentos de estoques de mercadorias que existem nas nossas 35 lojas. Temos também insumos estocados para a próxima lavoura de inverno e produtos agrícolas que não foram comercializados. As mercadorias de revenda foram compradas em outubro por um preço, mas hoje já tem outro. O custo financeiro destas mercadorias já está contabilizado, mas a valorização destes estoques ainda não. É por isso, que ainda fica difícil falar em números absolutos e corretos. Mas podemos garantir que a situação atual da cooperativa é resultado de um autêntico trabalho de equipe, quando a redução de custos foi a tônica durante todo o ano. Usamos, neste ano, infinitamente menos, em valores reais, os financiamentos bancários e, mesmo assim, chegamos a um ponto em que o custo financeiro em relação a receita, voltou a crescer. O comprometimento do custo financeiro em relação a receita chegou perto dos 25 por cento. Com a adoção de uma nova política de procedimento na comercialização da safra, acreditamos que o custo financeiro, no fechar do balanço, não ultrapasse aos 15 por cento. É verdade que temos procurado fazer da cooperativa seu próprio banco, juntando dinheiro internamente, para pagar suas dívidas.



João Soller
O segredo do equilíbrio

Wilson Nascimento — Rádio Guarita, de Coronel Bicaco — A direção da Cotrijuí está satisfeita com o seu quadro social, principalmente depois que surgiram tantas indústrias na região?

Oswaldo Meotti — Não estaria plenamente correto se dissesse que a direção da Cotrijuí e seu Conselho de Administração estão totalmente satisfeitos com a resposta que o quadro social vem dando. Também não se pode dizer que estamos de todo insatisfeitos. A Cotrijuí tem, nas suas três regionais, uma determinada estrutura para receber, no mínimo, 1,5 milhão de toneladas de grãos e, no entanto, vem recebendo 1,1 milhão. Precisamos reverter essa situação e aumentar o recebimento. Temos capacidade técnica quer seja no recebimento, beneficiamento, escoamento e comercialização para atingir uma produção mais elevada. E, como toda esta estrutura tem um custo, estamos dando início a um tra-

balho junto ao quadro social, buscando descobrir qual é o nosso corpo associativo. Queremos saber quantos operam efetivamente com a cooperativa e quem são estes associados. Com os não operantes vamos dialogar, corrigir nossos erros, se for o caso, redimensionar nossas atitudes, porque precisamos de seu retorno. Esse trabalho significa que não estamos satisfeitos. Até acho que deveríamos ter iniciado esse trabalho, que vai envolver as gerências das unidades, conselheiros e representantes, já há mais tempo. Até entendo que o sistema cooperativista como um todo, terá de partir para este tipo de trabalho. Não estamos satisfeitos, mas também não estamos culpando o associado. O que queremos é reverter esse quadro e trabalhar com um maior número possível de associados.



Wilson Nascimento
Resposta do quadro social

João Bindé — Jornais Cidade, de Ijuí e Correio do Povo, de Porto Alegre — O menor desempenho alcançado pela cooperativa no ano de 88, chegou a comprometer algum plano de investimento da Cotrijuí em 89?

Oswaldo Meotti — Efetivamente que comprometeu todos os planos de investimento da Cotrijuí neste ano de 89. Na agroindústria, por exemplo, uma necessidade para a região, tivemos que dar um passo para trás, até porque quem vai produzir a matéria-prima é o produtor. Mas como e com o quê ele vai produzir essa matéria-prima se está descapitalizado? Então, preferimos reunir todas as nossas forças e recursos para financiar a lavoura de verão. E, tenho certeza que, daqui pra frente, esta será a tônica do cooperativismo. Vamos ter que nos reestruturar melhor para podermos continuar financiando a produção, não perdendo de vista, no entanto, os projetos de agroindústria.



João Bindé
Planos de investimento

Sandro Silvello — Rádio Progresso e Jornal da Manhã, de Ijuí — Houve um decréscimo de 40 por cento no desempenho da Cotrijuí em 89. Como, então, a Cotrijuí está projetando o ano de 90? Quais as metas de investimento?

Oswaldo Meotti — Por enquanto, só temos pensado na lavoura de verão. A Cotrijuí deu toda a cobertura e espera uma resposta dentro de seus armazéns, via produção. Investi-

mento prioritário, neste momento, é poder dar condições a todas as unidades para que possam receber a produção sem qualquer problema. Queremos receber a safra, com o mínimo de quebra física. Também estamos nos preparando para a lavoura de inverno. A nossa meta é recuperar a área de trigo perdida em 89, atingindo, no mínimo, 130 mil hectares. Vamos continuar dando cobertura ao produtor para que ele possa continuar produzindo bem. Não podemos falar no momento em investimentos, porque a situação política e econômica do país não está muito clara. Mas gostaríamos, e essa é também uma vontade de toda a sociedade brasileira, que houvesse antecipação da posse do novo presidente. Vamos deixar as coisas ficarem mais claras política e economicamente, para pensar em investimentos. Por enquanto, nossos projetos na área de agroindústria, ficam um pouco em banho-maria.

Sandro Silvello — Jornal da Manhã e Rádio Progresso, de Ijuí — Onde entra a Cotrijuí no projeto de citros?

Oswaldo Meotti — A Cotrijuí já recebe citros de seus associados, há seis anos. A produção, comercializada com a Suvalan, anda ao redor de mil toneladas/ano, a maioria proveniente de Tenente Portela. Dentro do projeto, a Cotrijuí assumiu o compromisso de comercializar a produção da região. Como, a princípio, a produção não comportaria uma indústria de porte mínimo, vamos apenas receber e comercializar essa produção, mas já pensando e desenvolvendo um projeto próprio para a instalação de uma indústria. O fundamental é que a Cotrijuí, além do fomento, assistência técnica, está assumindo a responsabilidade de comercializar essa produção.



Sandro Silvello
A Cotrijuí no projeto de citros

André da Rosa — Rádio Antena Um, de Ijuí — O plantio de trigo em 89 sofreu redução de área em todo o Estado. Se continuar essa política agrícola, a Cotrijuí terá condições de refinar novamente a lavoura?

Oswaldo Meotti — Em 89 a lavoura de trigo, na área de atuação da Cotrijuí, reduziu de 130 mil para 98 mil hectares. Evidentemente que mantida essa política agrícola, vai ficar difícil de plantar. Por um determinado tempo, temos algum fôlego. O que esperamos é que não ocorra esse continuismo. Não acredito que possa continuar essa política. Se ela realmente se confirmar, vamos ter que nos redimensionar e seguir um novo rumo. Mas, considerando a necessidade de alimento para o país, a pressão da sociedade, acredito que o governo vai tomar alguma providência em benefício da agri-

cultura.



André da Rosa
Política do trigo

Silmar Welter — Sucursal da RBS TV, Canal 3, de Cruz Alta — De onde a Cotrijuí tirou recursos para financiar a lavoura de verão e de que forma ela repassou estes recursos?

Oswaldo Meotti — Não estamos segredos. A Cotrijuí vendeu no futuro, recebeu o dinheiro e comprou os insumos que foram repassados aos produtores. O produtor, por sua vez, assinou um compromisso de entrega de soja ou de milho, em volume físico, em um troca-troca. Apenas uma pequena parcela é repasse em dinheiro, pelo Banco do Brasil. O volume maior é em regime de produto físico, de troca-troca, que deve fechar em um milhão de sacos.



Silmar Welter
Os recursos para a lavoura

Silmar Welter — Sucursal da RBS TV, Canal 3, de Cruz Alta — O que representou a reforma administrativa dentro da Cotrijuí, Regional Pioneira?

Oswaldo Meotti — O que aconteceu foi uma reestruturação administrativa. A Cotrijuí tem um grupo de diretores eleitos com a função básica de criar, propor, discutir com o quadro social e desenvolver uma política cooperativa dentro da empresa. Um outro grupo, de diretores operacionais, têm a função de tocar o dia-a-dia da cooperativa. Eles recebem a safra, beneficiam e comercializam a produção entregue. É óbvio, que num esquema destes, montado já há muitos anos, ocorre um desgaste, levando, de repente, o diretor eleito a se envolver com o operacional, porque alguma coisa não anda funcionando bem. Então, por essa razão, se fez uma reformulação administrativa, promovendo, dentro da empresa, outras pessoas. O que aconteceu na Cotrijuí, essa reestruturação, também aconteceu em outras empresas. Essa alternância não deve ocorrer apenas com funcionários contratados, mas também com diretores eleitos. Nós, como diretoria eleita, temos também a responsabilidade de influenciar na formação de novas lideranças dentro da cooperativa. Houve simplesmente um redimensionamento no relacionamento interno, buscando um contato mais direto entre diretoria eleita, diretoria operacional e corpo associativo. Não houve nada que pudesse vir em desabono às pessoas que saíram.

CITRICULTURA

Cooperativas assinam convênio

Convênio assinado no Palácio Piratini, dia 28, destina NCz\$ 30 milhões com esse fim. Estão envolvidos o governo do estado, prefeituras de 128 municípios e cooperativas rurais. Entre elas, a Cotrijuí



Solenidade de assinatura do convênio para implantação do programa de citros. Oswaldo Meotti falou sobre a importância do programa para as economias regionais.

Finalmente o Rio Grande do Sul desperta para o significado econômico da fruticultura, em especial dos citros, cujas potencialidades são evidentes e evidentes na maioria das regiões do estado. Dissemos finalmente, tratar-se de antiga idéia estimulada pela Cotrijuí na área de sua atuação pioneira, na região Noroeste.

Um total de 18 convênios, envolvendo 128 municípios e recursos de NCz\$ 30 milhões, foram assinados no dia 28 de dezembro no Palácio Piratini, em Porto Alegre, envolvendo o governador do estado através da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, a Emater, as cooperativas e prefeituras. A Cotrijuí foi uma das cooperativas.

O ato, realizado no salão Nobre do Pastoreio, foi presidido pelo governador Pedro Simon, e contou com as presenças de secretários de estado, prefeitos de todos os municípios envolvidos e presidentes ou representantes das cooperativas e empresas conveniadas.

Segundo o secretário da Agricultura, Marcos Palombini, o mais importante deste projeto é a soma de esforços que estará havendo entre o governo do estado, prefeituras municipais, cooperativas e empresas privadas, para a adoção de medidas que permitam a diversificação de culturas nas pequenas e médias propriedades rurais do Rio Grande do Sul.

O secretário ressaltou, de maneira especial, a colaboração da Rio-

cel, que ao ceder seus laboratórios para o projeto, permitiu a redução do prazo de produção dos porta-enxertos de 12 meses para apenas 90 dias, viabilizando o plantio das plantas, já para 1990, em atingir até mais de dois mil pequenos produtores.

A IMPORTÂNCIA DE DIVERSIFICAR — Ressaltando a importância do ato e destacando a importância dos convênios, principalmente para as pequenas propriedades, falaram ainda o prefeito de Venâncio Aires, Glauco Scherer, em nome dos municípios conveniados, o diretor industrial da Rio-cel, Luiz Antonio de Oliveira Coimbra, e o presidente da Cotrijuí, economista Oswaldo Olmiro Meotti, em nome das cooperativas gaúchas.

O presidente da Cotrijuí, num improvisado de retrospectivas históricas, abordou os diferentes ciclos de produção em que sempre esteve dedicado o Rio Grande do Sul. Referiu-se ao ciclo do trigo na década de 1950 e da soja, a partir da década seguinte. Mas lamentou a tendência para a monocultura, que se registrou no estado. No entender de Oswaldo Meotti, isso representou um mal, pois até então, os agricultores produziam tudo o que necessitavam para consumo, em suas propriedades.

Mas com a monocultura e a mecanização das lavouras, que passou a ser facilitada e estimulada ao máximo, os agricultores ocuparam os espaços das lavouras com as culturas de exportação, ficando dependentes dos demais produtos de alimentação. Essa situação foi considerada calamitosa pelo líder cooperativista, fenômeno responsável, em grande parte, pela evasão desde o meio rural, de milhares de pequenos agricultores, que a seguir se fixaram nos arredores das cidades maiores.

Meotti elogiou a política do governador Pedro Simon e do secretário Marcos Palombini, de estimular, por essa forma, as economias regionais, por ser uma maneira de reverter, pelo menos em parte, o êxodo rural que despojava o interior agrícola nos últimos 20 anos, sendo os responsáveis pelo inchaço das cidades e pobreza de parte da população.

ALTERNATIVAS ECONÔMICAS

— No andamento da solenidade, o governador Pedro Simon enfatizou a preocupação do governo em oferecer novas alternativas ao pequeno produtor rural. Após destacar os pronunciamentos feitos anteriormente, em espe-

cial, o do presidente da Cotrijuí, classificou o ato de assinatura dos convênios como o início de um desafio a curto prazo que está sendo aceito pelo governo e órgãos e empresas conveniados, para dar novas alternativas econômicas a um estado carente de desenvolvimento, notadamente na área da citricultura.

Pedro Simon considerou como mais importante no projeto, em seu conjunto, o fato de "estarmos nos dando as mãos, somando nossos esforços para alcançarmos a meta desejada. É o governador, através da Secretaria da Agricultura, a Emater e as cooperativas e empresas privadas envolvidas", finalizou Pedro Simon.

No que se refere a Cotrijuí, é antiga a intenção de desenvolver a fruticultura, especialmente os citros, trabalho que, apesar de em pequena escala, vinha sendo feito há anos, nos municípios da área de atuação da Regional Pioneira.

COTRIJUI-EMATER

Ações conjuntas

"O objetivo desta visita a Cotrijuí é o de buscar formas conjuntas de atuação na região", observou Eniltur Anes Viola, diretor técnico da Emater no Rio Grande do Sul, mostrando, desta maneira que, somando forças, é possível atingir, em termos de assistência técnica e distribuição de benefícios, um número bem maior de agricultores. Com esta visão preconizada pelo diretor técnico da Emater é que Cotrijuí e Emater, juntas, principalmente nesta região, já vem desenvolvendo, há algum tempo, um programa de multiplicação e distribuição de suínos da raça Wessex. O encontro realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em fins de dezembro e que contou com a participação de técnicos da cooperativa, serviu para selar novos procedimentos e ações conjuntas a serem encaminhados em 90 pelas duas entidades. Se falou em suinocultura, baculovírus — dois programas já em andamento, mas repassados pelos técnicos e em citricultura, o mais novo programa do governo do estado para a região e que conta com o apoio integral da Cotrijuí, a responsável pela comercialização da futura produção.

Além de Eniltur Anes Viola, presentes ainda os coordenadores es-

taaduais da Emater, Valdir Secchi, da Área de Defesa Sanitária Vegetal; Henrique Bartels, da Suinocultura; Aurelino Dutra de Farias, da Área de Cultura da Soja e Henrique Born, da Área de Fruticultura e Olericultura. Representando a coordenadoria regional de Santa Rosa, o agrônomo Ricardo Schwartz, coordenador titular; Dante Gomes Fraga, Paulo Sérgio Kappel e ainda Renato Iuwa, de Santo Angelo; Antonio Conte, de Três de Maio; Aldo Valmor Schmidt e Lírio Traesel. Representando a Emater de Ijuí, Peri Korb; Luis Carlos Avila e Carlos Pettersen.

O PROJETO DE CITROS — Este foi um assunto bem esmiuçado no encontro, até porque ele começa a andar, através da implantação de 150 mil mudas de citros na região, a partir de 90. E, Cotrijuí e Emater vão, mais uma vez, desenvolver ações comuns, visando o sucesso da alternativa entre os produtores da região. Por considerar a citricultura como uma boa alternativa para a região, a Emater, segundo seu diretor técnico, não está medindo esforços no sentido de dar todo o respaldo possível "a mais esta iniciativa da Secretaria da Agricultura". Ao lado da Cotrijuí, a Emater pretende desencadear todo um trabalho que vai

desde a seleção dos produtores interessados em participar do programa, assistência técnica, creditícia, treinamentos para técnicos, viveiristas e produtores, até o estabelecimento das tecnologias a serem preconizadas no projeto. Os recursos para a implantação do projeto, segundo Eniltur Viola, deverão sair do FEA-
PER — Fundo de Amparo ao Desenvolvimento de Pequenos Estabelecimentos Rurais. O pagamento deste financiamento será feito em cinco anos, tendo o produtor dois anos de carência. "E muito menos ele vai devolver dinheiro. Esse pagamento será feito com produto, possivelmente o milho", lembra.

SUINOCULTURA — A Emater vem desenvolvendo, ao longo de alguns anos, um programa de melhoramento de suínos da raça Duroc em todo o estado. Este programa conta com a colaboração da Secretaria Estadual da Agricultura, via as Estações Experimentais Zootécnicas de Tupanciretã e Santa Rosa. Através do Instituto de Pesquisas Zootécnicas Francisco Osório, a Secretaria da Agricultura mantém um rebanho, onde desenvolve o material genético que tem na Emater, sua principal difusora e repassadora dos animais aos produtores. E a Cotrijuí, segundo



Eniltur Viola
Ações conjuntas
para atingir
maior número de
agricultores

Eniltur Viola, integra esse programa através da criação e distribuição de animais da raça Wessex. "Se não fosse a Cotrijuí, a raça Wessex já há muito teria desaparecido", destaca o diretor técnico da Emater numa referência ao trabalho de resgate da raça no estado que a cooperativa via CTC, vem fazendo.

Um outro trabalho em andamento e discutido diz respeito a formulações e uso das rações caseiras, visando o barateamento dos custos de produção da atividade suína. "O trabalho, analisa, visa levar os produtores a usarem, de maneira racional, alimentos alternativos.

BACULOVÍRUS — Este é um trabalho mais antigo, levado tanto pela Cotrijuí como pela Emater e que tiveram ação conjunta financiada pelos recursos oriundos dos convênios de extensão rural. A idéia, deixou claro Eniltur Viola, é desencadear um trabalho educativo conjunto, buscando levar o maior número possível de agricultores a usarem o baculovírus no combate à lagarta da soja.

Novas perspectivas de mercado

"A lã, apesar de considerada uma fibra nobre, ficou esquecida durante muitos anos, se distanciando dos avanços tecnológicos". A constatação é do médico veterinário da Cotrijuí na unidade de Jóia, Antônio Goya, entendendo que esta situação não só levou os produtores, mas também os industriais a perderem espaços no mercado, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

Além da falta de pesquisa para o setor, o Antônio aponta ainda a despreocupação dos ovinocultores em criarem um fundo de defesa no sentido de protegerem seus negócios e a falta de uma propaganda inteligente, persuasi-

va e constante como fatores responsáveis pelo avanço das fibras artificiais ou sintéticas entre os consumidores, "que passaram a desviar seus hábitos alimentares no sentido de adotarem novos fios e tecidos cheios de inovações" e vantagens como o fato de não encolherem ao serem lavadas, de não serem atacadas por traças, de se manterem sem amarelamento, entre outros. Diante de uma propaganda bem elaborada e, principalmente muito bem direcionada, o consumidor não teve outra alternativa, senão mudar seu comportamento na definição de suas compras", lamenta Antônio.

PERSPECTIVAS — Mas as

notícias não são de todas ruins para o lado dos ovinocultores, principalmente quando o assunto é a lã, observa Antônio, que classifica a redução dos estoques mundiais do produto como uma boa perspectiva e sinal de que a situação pode ainda se reverter. Essa redução nos estoques mundiais já começa a refletir nos preços a níveis internacionais que também já começam a dar mostras de alta. "Os preços a nível internacional tiveram as maiores altas destes últimos 20 anos e, tudo indica que teremos um mercado relativamente estável nos próximos anos, diz, otimista, acreditando, por outro lado, na repercussão da ovinocultura como uma atividade



O recebimento em Jóia

Superando as expectativas iniciais, o recebimento de lã atingiu 98 toneladas de diversificação dentro da propriedade.

Apesar da confiança, o veterinário da unidade de Jóia e responsável pela assistência dada aos criadores de ovinos do município, garante que uma retratação da ovinocultura vai depender também da eficiência dos produtores, dos avanços tecnológicos, do comportamento político e econômico dos países produtores e consumidores de lã. "Estes fatores vão definir e assegurar esta caminhada na linha de produção e comercialização".

A OVINOCULTURA EM JÓIA — A atividade tem tradição no município, embora tenha ficado, durante tantos anos, relegado a um segundo plano, servindo quase que exclusivamente para o consumo de carne na propriedade, sem qualquer incentivo maior por parte dos criadores. Sem desprezar a soja, como uma lavoura importante e rentável, o Antônio vê a ovinocultura como uma atividade importante dentro da propriedade, não só pelo que ela representa como economia permanente e estável, mas também e principalmente, pela "indiscutível função sócio-econômica, já que a maioria dos criadores de ovinos do município são pequenos e médios produtores".

E foi procurando mudar essa visão "meio que doméstica" entre grande parte dos criadores do município, que a unidade da Cotrijuí em Jóia vem desenvolvendo, há pouco mais de um ano, um programa de melhoramento sanitário e genético do rebanho. Os resultados deste programa, segundo o Antônio, já estão

aparecendo e têm na entrega de lã, peles e procura por carne, a melhor prova. Só neste ano, a Unidade já recebeu 98 toneladas de lã contra as 70 toneladas recebidas em 88. O recebimento de peles pulou de 700 neste ano e o número de animais passou de 17.800 neste ano. "O ovinocultor já começa a dar resposta, apostando no sucesso da Cotrijuí em fomentar a atividade no município", diz o Antônio, esperando que em fevereiro, o recebimento de lã feche em 115 toneladas. "Estamos superando a nossa meta de recebimento", diz, apontando para 90 um recebimento de 150 toneladas de lã.

Procurando sanar problemas que existiam em termos de classificação, embalagem e comercialização da lã, a gerência da Unidade vem mudando a sua mecânica de atuação. Até um ano atrás, toda a produção entregue, fosse de lã ou de peles, era levada para Dom Pedrito, onde era classificada e comercializada. Essa viagem até a fronteira resultava numa grande despesa, que, de uma certa forma, custou alguns descontentamentos e inclusive, o afastamento de alguns criadores", lembra Antônio, ressaltando que, hoje toda a produção é classificada e comercializada pela própria gerência da Unidade via Valerugui. "Esta mudança no tema de classificação e comercialização da lã e peles, está trazendo de volta muitos criadores", diz o veterinário, programando para fins de janeiro a criação de um Núcleo de Criadores de Ovinos de Jóia.

Apostando no trabalho da cooperativa



A ovinocultura na propriedade dos Krueel Apostando na lã, na carne e na pele

Quem sair de Jóia, em direção a São José, vai bater, certamente na Fazenda de Evandro Krueel e filhos. Lá, a soja já não é mais o carro-chefe econômico da propriedade, sendo cultivada em menor escala, quase na mesma proporção que outras culturas de subsistência. Em busca de um maior equilíbrio econômico, os proprietários da Fazenda São José estão apostando hoje, firmemente na pecuária de corte, onde o cultivo de pastagens ajuda a dar respaldo a atividade. Um rebanho de gado leiteiro, de qualidade, é mantido na propriedade, na expectativa de um melhor comportamento da atividade que, na região, também esbarra, não apenas na falta de mão-de-obra especializada como o também na falta de uma estrutura mínima de recebimento do produto.

Somando-se a pecuária de corte e a lavoura, aparece a ovelha. A exemplo do que acontece em outras propriedades do município, na Fazenda São José, a ovinocultura também confirma sua tradição, só que não de forma tão modesta. Pressentindo mudanças e novas perspectivas no mercado da carne, lã e peles, os Krueel não só têm se preocupado com o aspecto sanitário do rebanho, como também têm buscado investir no melhoramento genético, introduzindo animais de raças mais especializadas. Em torno de 900 animais das raças Corriedale, Ideal e Caracu integram o plantel da propriedade.

INCENTIVO — "A nossa intenção, diz Edmar Krueel, um dos filhos, é o de aumentar o rebanho, dando um pouco mais de atenção a raça Caracu, um animal bastante valorizado em função da pele". Só que este incentivo, segundo o criador, vem esbarrando na falta de capital de giro próprio. "Como os investimentos são altos, temos andado com cautela, diz Edmar, entendendo a ovinocultura como uma atividade de onde não só deve sair a carne, mas também a lã e a pele.

Com a firme decisão de levar adiante uma atividade que mantém, de certa forma uma característica "polêmica" por seu propósito meio que "doméstico" no município, os Krueel estão programando para 90 a reali-

zação de duas tosquiadas. Uma de verão e outra de inverno. "Não conheço muito bem este processo, mas sei que, comprovadamente, tem dado resultado na região da fronteira", diz Edmar, tentando, desta forma, aumentar o rendimento de lã por animal. Ele também acredita que duas tosquiadas por ano, deixam o animal mais limpo durante o período de parição.

A VOLTA — Embora tradicionais criadores de ovelhas no município de Jóia, os Krueel não vinham entregando sua produção de lã na Cotrijuí e apontam como causas o atraso na classificação e comercialização do produto. Voltaram a entregar a produção neste ano de 89 levados pelo trabalho que a Cotrijuí vem realizando no sentido de incentivar a atividade no município e também pelo "plano de recebimento, classificação e comercialização que a cooperativa vem apresentando", destaca Edmar. Ele também aponta como fator importante, a perspectiva que se abre em termos de mercado da carne, via instalação, para o futuro, de um abatedouro na região. "O trabalho que a Cotrijuí, através da sua Unidade em Jóia, vem fazendo no município, em termos de incentivo e assistência técnica a ovinocultura, tem deixado os criadores satisfeitos", observa. Só nesta safra, foram entregues na cooperativa, pela Fazenda São José, 2.200 velos de lã.

Mas apesar de satisfeitos com o trabalho de incentivo e assistência que a cooperativa vem dando no município, os Krueel esperam uma continuidade e aprimoramento do trabalho. "De nada adianta a cooperativa apenas incentivar a ovinocultura no município. Nós também precisamos de uma boa comercialização e preços satisfatórios", diz, lembrando que até uns dois anos atrás, a venda da produção era um tanto difícil dentro da Cotrijuí que, por força das circunstâncias, era obrigada a enviar a produção para Dom Pedrito, para ser classificada. "Estou confiando nesta nova proposta da Cotrijuí".

Proteja Seu Lucro.

Sacaria FRESAL de Polipropileno

- Alta resistência e durabilidade;
- Costura lateral com dobra dupla e reforço na boca;
- Impressão nítida em até 3 cores;
- Baixo custo e entrega imediata.

IP FRESAL EMBALAGENS LTDA.
Fone: (0512) 43.4399

Uma avaliação na lavoura

Mais de cinquenta pessoas de Ajuricaba, entre produtores e técnicos estiveram reunidos no mês passado, para avaliar o desempenho de máquinas no sistema de plantio direto

O plantio direto, os seus benefícios para a conservação do solo, a redução de custos da lavoura, a praticidade do plantio e da colheita, a forma correta de fazer e o uso adequado de máquinas foram os assuntos que reuniram mais de 50 produtores e técnicos da unidade da Cotrijuf de Ajuricaba, no dia 21 de dezembro. Mesmo sob o sol forte os participantes do encontro estiveram atentos aos depoimentos realizados por vários produtores que já aderiram ao plantio direto e às explicações dadas pelo engenheiro agrônomo da Unidade Jorge Sito e de alguns representantes do Clube do Plantio Direto do município.

A localidade escolhida para o dia do campo foi a propriedade de Edelar Collato, Secretário de Agricultura do município, produtor proprietário de 66 hectares na Linha 20 e onde, além da discussão sobre o sistema de plantio direto também aconteceu uma demonstração de plantio de soja e de quatro tipos de máquinas específicas para este sistema.

"O fator mais importante para realização do plantio direto é a conscientização," iniciou explicando Jorge Sito, antes de enumerar todas as práticas necessárias que antecedem ao plantio, como a correção do solo, a fertilização da terra através da adubação orgânica, a rotação de culturas e o uso de espécies que possuem mais volume de palha como a aveia, o trigo e a ervilhaca.

Ja Edelar Collato, que também é engenheiro agrônomo e hoje já faz 60 por cento da sua lavoura de verão em plantio direto utilizando o método do cultivo intercalado de soja com milho, o que lhe permite fazer a mesma área com as duas culturas todos os anos, preferiu abordar entre outros aspectos o uso da máquina nas diferentes condições do solo e da necessidade do ajuste do picador de palha,



Plantio direto — Uma tarde que começou com explicações sobre benefícios...

para que esta fique bem distribuída, e conseqüentemente, toda a semeadura tenha um desenvolvimento parelho.

Edelmar Friedrich, produtor e integrante do CPD de Ajuricaba lembrou, por sua vez, que um dos itens fundamentais para o sucesso do plantio direto é a persistência. Segundo ele, é preciso que o produtor ao se decidir por este sistema também o faça na cabeça, ou seja abandone o pensamento imediatista. "Não podemos só enriquecer o pai e empobrecer o filho," disse o produtor, salientando ainda que os interessados em aderir ao sistema tem que estar cientes da análise do solo, da correção com cobertura vegetal e especialmente da manutenção da palha na lavoura.

AVALIAÇÃO DE MÁQUINAS — Após a discussão de todas as práticas que antecedem a semeadura sobre a palha, os participantes do dia de campo foram ver de perto os efeitos do plantio utilizando-se as quatro máquinas diferentes. Para melhor observar as fileiras da soja semeada, cada um recebeu uma planilha de avaliação, onde todas as máquinas receberam notas em função da profundidade da semente, contato da semente com o solo, distribuição adu-



... e terminou com uma avaliação minuciosa da semeadura.

bo/semente, distribuição semente na linha, revolvimento do solo, embuchamento e atuação do disco de corte e do sulcador.

Para essa operação demonstrativa foram utilizadas uma Eickoff, de propriedade de Nelson Zangiralomi, uma Imasa-AP 1600, com sistema de disco duplo desencontrado, de Sidney Montagner, e duas adaptadas, uma Fankauser, com sulcador, de Jaime Mariotti e outra de Hari Uhde, com disco simples. Depois de fazerem uma espécie de defesa do seu maquinário, cada pro-

duzidor salientou as razões de porque usar cada uma delas, sem deixar de destacar a sua opção devido ao tamanho da lavoura e as próprias condições econômicas.

De acordo com as avaliações feitas por técnicos e produtores, as quatro máquinas apresentaram desempenho favorável em todos os itens da avaliação, embora a Imasa tenha conseguido um ótimo desempenho em termos de embuchamento e melhor colocação da semente devido ao sistema de disco de corte desencontrado. Isso não significa,

no entanto, que a máquina seja a mais indicada, uma vez que ao optar por determinado maquinário o produtor leva em conta todas as condições e necessidades da lavoura e a sua própria disponibilidade de recursos, fator determinante para o crescente número de implementos adaptados, principalmente em regiões como Ajuricaba onde a área de lavoura com plantio direto aumenta a cada ano. Segundo Jorge Sito, esta área já alcança 20 por cento no município, contra os 10 por cento registrados no ano passado.

CONHEÇA VOCÊ TAMBÉM A FORÇA DOS HÍBRIDOS BRASKALB



AGORA EM NOVAS EMBALAGENS

Braskalb
TECNOLOGIA MUNDIAL EM SEMENTES

A insegurança que veio das urnas

Depois de 29 anos de jejum, o Brasil elege mais um presidente. E, para variar, a certeza de mudança fica no ar

Passados os primeiros traumas de um resultado eleitoral que deverá influenciar o processo decisório do país, pelo menos por cinco anos, o Brasil mergulha num mar de indagações sobre os rumos da política econômica a ser aplicada pelo presidente eleito Fernando Collor de Mello, que chegou a vitória com 42,75 por cento dos votos, contra os 37,86 por cento dados a Luís Inácio Lula da Silva. Collor de Mello obteve 35.089.998 votos, enquanto Lula ficou com 31.076.364 votos, num total de 82.074.718, onde 986.446 foram brancos, 3.107.892 foram nulos e 11.814.017 abstenções, ou seja, 19,39 de votos inválidos.

A insegurança sentida por grande parte dos eleitores brasileiros é mais forte ainda no Rio Grande do Sul, onde os gaúchos, no segundo turno, votaram em peso no candidato do PT, que puxava todos os votos da esquerda, confirmando assim uma votação explicitamente oposicionista. De um universo de 5.700.461, Lula angariou 59,06 por cento dos votos, fazendo com que muitos gaúchos, embora amargando a derrota a nível nacional, sintam-se vitoriosos com os resultados regionais.

POLÍTICA INCONSISTENTE — Por outro lado, vários dos eleitores que preferiram aderir a campanha colcionista, (26,89 por cento no Estado), a partir de razões econômicas naturais, atraídos por promessas mirabolantes ou ainda por influência de estórias mal-contadas, também estão a espera de definições mais práticas. Mesmo engrossando a fileira de uma torcida pouco coesa, a falta de propostas mais concretas para desaperpear o cinto do trabalhador urbano ou pelo menos estabilizar o nível de seleção no campo, leva alguns a expressarem a sua expectativa através de um ditado bem conhecido: "pior do que está não pode ficar".

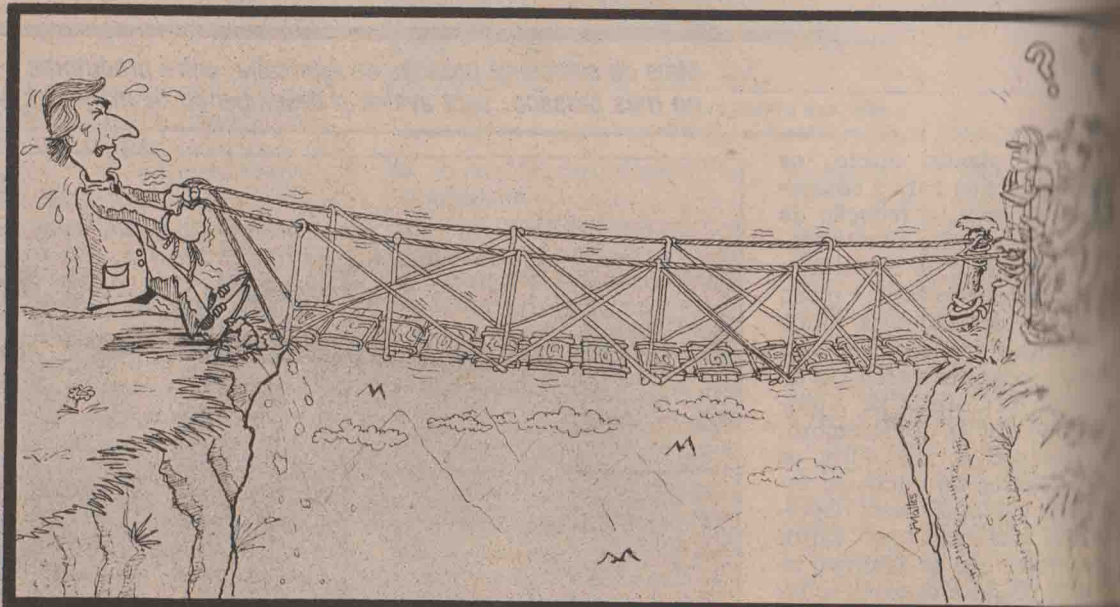
Para toda esta insegurança, que muitas vezes vem acompanhada de profundos suspiros, não são poucas as explicações, já que vive-se uma plena lacuna de ações políticas fortes, com um presidente fazendo as malas e outro eleito a revelia de algum partido político, enquanto produtor e consumidor dormem o sono intranquilo povoado pela hiperinflação. Há sim, melhor dizendo, muita coisa para ser resolvida, como a aplicação de uma política agrícola ampla que assegure rentabilidade econômica do pequeno e médio produtor, através de financiamentos em condições suportáveis e a va-

lorização dos produtos compatíveis ao seu custo de produção, de forma que o agricultor saiba se ele efetivamente pode continuar plantando, sem que para isso a cooperativa necessite bancar o ônus da produção.

É certo também que uma outra parcela do contingente produtivo, esfolado por anos e anos de arrocho salarial está incapaz de garantir o seu direito a alimentação, saúde, educação e uma outra série de necessidades básicas negadas durante toda sua história. Isso sem falar numa parte da população, que expulsa de suas terras, via efeitos indiretos de uma política econômica social contrária aos seus interesses, não está disposta a abandonar a briga pela reforma agrária.

FILME ANTIGO — Na outra ponta, o caldo de incertezas aumenta pelo fato de o comando do país estar na dependência de um presidente que, para muita gente, guarda semelhanças ao ex-presidente Jânio Quadros, já que ganhou as eleições, calcado em discursos moralistas, pouco concretos e alternativos em relação a pontos determinantes da economia, como a questão da dívida externa, questões agrária, agrícola e salarial.

Frente a este cenário que pode ser melhor analisado em meados de fevereiro, quando o presidente eleito pretende anunciar a sua equipe de governo, até agora em nada inovadora, a maioria dos gaúchos, assim como um ex-



pressivo lote de eleitores que rejeitou Collor de Mello, "está pagando para ver" os rumos da próxima atração. E tem muito para se prevenir, ao que entre eles, chamam de nova fraude, ou seja, à eletrônica e ocorrida à véspera do voto.

O cuidado futuro tem uma razão bastante forte, especialmente entre esses gaúchos que não esquecem que a crise social e econômica já levou mais de 2,8 milhões de pessoas para fora do Estado, e que ao mesmo tempo não se cansam de contar os votos dados a Lula sobre as lideranças tradicionais e conservadoras em inúmeros municípios do interior. Para esses, onde se inclui uma boa dose de crença em antigas lideranças ou uma dose de confiança no voto consciente e organizado, as esperanças não foram por água abaixo. Motivo para tanto é um calendário eleitoral que apresenta até o ano 2000, apenas três anos sem eleições

e a expectativa de uma política oposicionista capaz de eleger a maioria de governadores, senadores e deputados já neste ano.

Em meio a essa ressaca eleitoral, tingida de um vazio governista que acontece também em final de uma década que deixa muito pouco de saudade e uma inflação pontuada em 39.043.765 por cento, a comemoração pelo avanço das categorias organizadas misturou-se, por enquanto, a um protesto silencioso. Afinal, como se diz por aí, seja na lavoura ou em paradas de ônibus, esta parada era importante. E há, por isso quem lá no "fundinho" se lembre de um pequeno poema do gaúcho Luiz Coronel que, em anos passados, traduzia um pouco deste sentimento, dizendo: "Pobre país/ na gangorra da esperança/ sobe e cai/ marca encontro com a história./ E não vai". (Cinco ensaios incontidos).

Preoc

"Chegamos ao final de um quadro desalentador para a agricultura", diz o vice-presidente da Fecotrig, Rui Polidoro Pinto, antes de publicar uma primeira análise feita imediatamente frente aos resultados das eleições presidenciais e as preocupações que colocam em relação ao novo governo. "Na área agrícola tivemos um avanço em anos quanto as definições por parte do governo, no que diz respeito a custeio, épocas de pagamento, da safra de trigo e valores para produtos, os quais já apresentaram perda na sua capacidade de trazer outros setores da economia e da ordem de 300 a 600 por cento. É o caso do frango, arroz, milho e feijão".

Diante deste quadro, que levou a uma grande movimentação da produtora frente a eleição, o Constituinte, elaboração de leis complementares, como a Lei Agrícola, o trigo já se depara, segundo Rui, com a prioridade que serão as prioridades do novo governo. Antes disso, ele já coloca algumas prioridades, a seu ver muito importantes, a nova administração vem de uma mobilização da sociedade, com promessas de palanque, e muitas, de serem cumpridas.

PREOCUPAÇÕES IMEDIATAS Levantando em primeiro lugar os recursos prevista pelo orçamento união, onde sobram apenas 36 por cento apenas para investimentos em inclusive folha de pagamento, o presidente da Fecotrig entende que, principalmente na área econômica, o presidente deverá dizer imediatamente que veio, sob pena de termos transtornos sociais, caso não haja reversão no quadro inflacionário, mantenha a concentração de rendas que pode levar o país a situações ruins.

"Não esperamos milagres", afirma Rui, mas é evidente, diz ele, que tivemos recursos suficientes para o mínimo, preços mínimos, liberação do preço na época adequada, entre outros, previsão de queda na produção de feijão, arroz e suinocultura se controla. Além disso, afirma ainda, a qualquer tipo de mudança é grande que a camada que o apoiou é politicamente desorganizada, desesperança quer ver estas mudanças a curto prazo.

Quanto ao setor agrícola, especificamente, Rui lança algumas preocupações sobre o que poderia chamar

Com os pés no chão

Na área sindical as expectativas em relação ao novo governo são pouco alentadoras. Pelo lado da Fetaag, o ainda presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí Carlos Karlinski, que há vários anos vem acompanhando as lutas do pequeno produtor rural diz, sem nenhuma dúvida, que Collor de Mello representa o continuísmo, já que está vinculado ao mesmo grupo de poder atual. "Para nós que temos antigas reivindicações em relação a questão agrícola, agrária e previdenciária, a qual já tem um encaminhamento via constitucional, não temos muitas perspectivas".

De acordo com o sindicalista, um dos fatores mais preocupantes é que dificilmente se conseguirá evitar a tendência de seleção no campo, a qual aponta um percentual de apenas 10 por cento para o final da década, até porque esta tendência está mais longe da simples vontade de um presidente. "Acredito", afirma ele, que "a eleição de Collor foi um grande investimento feito por setores privilegiados da sociedade brasileira, não interessados em mudanças mais profundas em questões fundamentais como o não pagamento da dívida externa". Acha ainda que a possibilidade de uma mu-

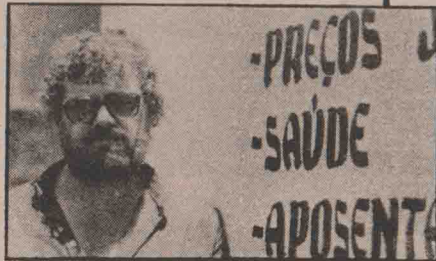
dança mais radical nestes próximos anos será feita através de confrontos. Da importância das entidades sindicais de trabalhadores estarem cada vez mais organizadas.

MODELO VIZINHO NÃO SERVE — Pelo lado da Central Única dos Trabalhadores, a CUT, o tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, Orlando Vincenzi, que também é coordenador do Departamento Rural da entidade no Estado, diz que além de não reconhecer a eleição de Collor como novo Governo, a CUT vai exigir tão logo defina suas prioridades uma audiência com o presidente eleito. O não reconhecimento, entre outras razões passa pelo caráter de continuidade apresentado pela própria estrutura autoritária do presidente, a composição do ministério e da política de privatização a ser adotado.

Reafirmando que a CUT somente poderá concordar com uma política de distribuição de renda e de terra, Orlando já adianta que o modelo argentino adotado na Argentina não serve, pois em troca de uma trégua dada ao governo, o movimento sindical somente perdeu, enquanto banqueiros, empresários e latifundiários foram muito beneficiados.



Carlos Karlinski



Orlando Vincenzi

Até mesmo as próximas eleições são lembradas pelo cutista que comenta a sua ocorrência como um fato positivo apenas para a população que possui consciência política, pois, do outro lado, a manipulação de quem mantém o monopólio sobre o controle de informação será intensa.



Sênio Kirst



Ilda Malheiros



Arlindo Walk

Na ressaca eleitoral, as esperanças se transformam em simples expectativas ou muita insegurança



Jovane Della Flora



Felix Gottardo

O alerta do produtor

E o produtor, que em meio a uma safra e outra amargura frustrações, mas manteve durante quase todo este ano uma expectativa de mudança frente às eleições presidenciais? Ganhador ou perdedor, todos eles, embora achando um pouco cedo para avaliar os riscos que serão dados ao país e especialmente ao setor agrí-

cola, fazem as suas previsões e com muita referência os seus alertas.

O coordenador dos representantes de Ijuí, por exemplo, Sênio Kirst, que apostou no presidente eleito no segundo turno, diz que ainda é cedo para fazer uma avaliação do governo de Collor de Mello. Ele acha, no entanto, "que pior é difícil," e espera no mínimo, uma política de "pôr ordem na casa, estabelecendo critérios fixos e que sejam cumpridos."

Dentre as suas preocupações principais está a estabilidade de uma política para triticultura, que ele acredita não venha a sofrer as oscilações constantes dos últimos anos. Já, quanto a disponibilidade de recursos e financiamentos para a lavoura, o produtor não espera muita coisa, pois, segundo ele, "não existe muita verba. A saída mesmo é o auto-financiamento," analisa Kirst, dizendo que o produtor deve procurar trabalhar com custos menores, advindos de técnicas e práticas recomendadas, sem prejudicar a produtividade.

Por outro lado, o produtor que vê na sonegação de impostos um grave problema econômico, diz que se ela for evitada, vai sobrar mais dinheiro para aplicar, quem sabe numa política agrícola ampla que estimule a diversificação na pequena propriedade. Partindo de um exemplo próprio, Kirst, que possui 67 hectares em Rincão dos Pampas, Augusto Pestana, afirma que este é um ponto fundamental. "Eu

mesmo não posso plantar milho além daquele para o consumo, porque é inviável economicamente, assim como outras atividades, — produção leiteira e suinocultura — pelos custos dos investimentos e do pouco retorno em preços.

DECEPÇÃO — Jovane Della Flora, representante da unidade de Ajuricaba, por sua vez, é um dos produtores que ainda não assimilou bem a derrota nas urnas. Lamentando uma espera de 29 anos que acabou "desse jeito, pela falta de memória do povo, esquecendo quem mais ganhou no passado." Jovane, que possui apenas um hectare e trabalha em 52 hectares do sogro, só espera que o novo presidente pelo menos, administre para todos.

"A situação está muito difícil," afirma o representante, que tem como certo "o desaparecimento da meia colônia, se não houver uma política de subsídios séria e uma alteração nas taxas de juros." Ele até considera que isso venha acontecer devido a proximidade das eleições para o Congresso Nacional, mas é grande o risco neste ponto, de que a política de investimentos recaia, novamente para o grande produtor.

O conselheiro Arlindo Walk, proprietário de 25 hectares em Miraguaí é outro produtor que preferiu apostar em Collor, esperando que para este ano e nos seguintes não venha acontecer os mesmos transtornos ocorridos na soja devido aos desajustes da política cambial. Ele acredita

também, que o produtor possa ter preços melhores no geral, estabelecidos a partir do custo de produção. A melhor medida, no entanto, deve vir com uma política de subsídios sobre os juros agrícolas estendida a todos os produtores. "O resto vem por conta," arrisca o produtor que explica esta política com "a volta do Banco do Brasil ao que ele era, quando o próprio governo bancava a diferença."

Tudo isso deve acontecer a curto ou médio prazo, arremata o conselheiro, "porque o produtor está se descapitalizando muito rápido." Confiança, embora seja pequena, existe, pois além de torcer para que dê certo, o produtor diz que "o homem é inteligente e deve fazer alguma coisa."

Em Santo Augusto, a produtora Ilda Malheiros, que administra 200 hectares em Rincão dos Paiva diz, que como alguns dos gaúchos, perdeu no primeiro turno, mas ganhou no segundo, acreditando que esta era a melhor saída. Por causa disso ela até prevê uma mudança na agricultura e na educação, como incentivos para que o agricultor continue no setor. De incentivos ela chama o controle de juros para que o produtor tenha condições de manter a qualidade da lavoura, uma valorização do produto na época da colheita e o pagamento do trigo de uma só vez.

POR UM FIO — Suspirando mesmo está o conselheiro Felix Gottardo, proprietário de 25 hectares em Tenente Portela. "A gente estava com o cora-

ção deste tamanho", diz o produtor, que optou por Lula nos dois turnos e que considera um pouco difícil afirmar se o presidente eleito terá condições de fazer alguma coisa", pois no seu entendimento o Brasil "trocou uma fivela por uma argola".

Ainda assim, por causa da situação vivida pelo pequeno produtor e minifúndio, ele acha que se o eleito não fizer nada "por esta classe, estamos perdidos e vai aumentar a ida para a cidade". É necessário, segundo o produtor, que o juro agrícola se torne uma alternativa dentro de uma política de investimentos, um seguro agrícola que cubra a lavoura independente de ela ser financiada ou não e ainda que o produto não tenha uma correção diferenciada do capital, mas na época certa.

Com o maquinário todo à espera de reformas, Gottardo já não tem muita segurança de fazer a próxima planta de forma adequada e de alcançar pelo menos uns 10 por cento da lavoura. "Quem tem cinco hectares de terra de ladeira, nem se fala", diz ele, acetuando ainda que nestas condições, o produtor se mantém ainda por tradição de vida, "se arrouxar estoura".

Desapontado com os resultados da eleição, Gottardo ainda afirma que seria melhor se o presidente fizesse alguma coisa, mas reafirma que pelo que conhece do seu passado político, é difícil. "Gostaria muito de estar errado", finaliza o produtor.

ações

o ministro da agricultura. Levando em conta o próprio projeto de Lei Agrícola elaborado pela Fecotrigo, ele diz, o ministro deve ter amplo conhecimento da realidade nacional e da situação atual que vive o cooperativista com dupla tributação. Deve ouvir as reivindicações de diferentes segmentos que nesta década foram atendidos, como as cooperativas de pequenos produtores, os sem terra e outros, tendo como prioridade decisões econômicas em tempo hábil.



Nival Polidoro Pinto

GASTOXIN

FOSFETO DE ALUMÍNIO



GASTOXIN é um inseticida eficaz no combate dos insetos em cereais, grãos oleaginosos, grãos leguminosos seco, grãos de café, grãos secos alimentícios, farinhas, produtos vegetais, alimentos elaborados, frutas secas, controle de cochonilhas de raiz no cafeeiro, e no cupim de montículo.

GASTOXIN PASTA

É o mesmo produto amplamente conhecido, porém em forma de pasta, uma exclusividade mundial da CBL. Com este produto, a eficiência incontestável do Fosfeto de Alumínio também passou a ser aplicada as culturas dos cítricos e outras frutíferas, onde a ação extremamente danosa das brocas dos troncos e galhos é 100% eliminada através do uso da pasta.

DISTRIBUIDOR AUTORIZADO: DEFÉRTIL Ltda.
Av. Nestor de Moura Jardim nº 484
Guariba / RS - Fone: (0512) 80-2180 / 2162 / 2877
Telex: 51.5943

CASA BERNARDO LTDA.
QUÍMICA — METALÚRGICA

Av. Ana Costa, 482/4 - 9º andar - CP 841 - Santos
CEP 11060 - SP - Tel.: (0132) 32-8311 - Tlx.: (13) 130
CBL5 e 2324 CBL5 - Fax.: (0132) 43223.

Crise na oferta de carne suína

Ventos que sopram da Europa anunciam uma provável importação de carne suína por parte da Comunidade Econômica Européia

A Comunidade Econômica Européia (CEE) de verá se tornar importadora de carne suína a partir deste final de 1989. A notícia pode parecer estranha, porém, é o que se verifica de fato por aqui. As últimas previsões realizadas em junho passado, não permitem prever uma reação da produção Comunitária até o início de 1990.

De fato, a julgar pelas pesquisas mais recentes (de agosto passado), o rebanho da Alemanha Ocidental continua caindo (- 4,5 por cento em um ano no seu conjunto, mas igualmente no que tange exclusivamente ao rebanho de criadeiras). Na Dinamarca, outro grande produtor, a produção se recupera ligeiramente (+ 1 por cento), porém, o número de criadeiras diminuiu (- 1 por cento).

Tal situação se deve ao longo período de crise acontecido entre 1985 e 1988. Uma forte produção forçou os preços para baixo durante todo este período. Tomando o exemplo da França verificamos que os preços caíram de mais de 12,00 francos franceses (FF) por quilo em meados de 1985, para menos de 9,00 FF por quilo (em média mensal) no final de 1988. O resultado foi uma forte seleção de produtores, fato que levou a uma redução importante da produção suinícola.

Para complicar mais as coisas, em 1988, em função da forte alta nas cotações da soja no mercado internacional, o custo das rações subiu deixando os criadores em situação ainda mais difícil. Para muitos deles o alto custo das rações acabou sendo o golpe mortal na atividade.

Ao verificarmos com mais atenção o comportamento dos preços ao produtor de suínos da CEE, verificamos que em 1988, após um já longo período de preços baixos, a situação se agravou em muito. Os preços foram baixos, enquanto o custo das rações foi bastante alto em 1988.

Os gráficos nº 1 e nº 2 nos permitem melhor entender esta afirmação. Assim, sempre com base no exemplo francês, verificamos que as cotações do suíno somente começaram a se elevar em fins de 1988. Entretanto,

o preço dos alimentos subiu já a partir de maio de 1988, momento em que os preços da soja dispararam no mercado internacional. Este fenômeno é visível no gráfico nº 2 na medida em que o ano de 1988 acusa o índice mais elevado de preços para as rações desde 1976. Em outras palavras, tal índice passa de 100 em 1976 para 175,7 em 1983, após cai constantemente até atingir 160,6 em 1987, subindo repentinamente para 177,1 em 1988.

Na média da campanha suinícola (julho/junho) praticamente todo o aumento de preços do produto acontecido em 1988/89 (+ 5,4 por cento) foi absorvido pelo aumento do custo com as rações (+ 5,1 por cento), conforme a tabela nº 1 nos indica.

Mas além da grande oferta e dos altos custos de produção, um outro problema central está na origem da questão. O fato de que a demanda, embora em crescimento médio, não tenha acompanhado o ritmo da oferta nos últimos anos, mesmo com a queda dos preços.

FORTE CONCORRÊNCIA — Tal situação se deve a forte concorrência das outras carnes e sobretudo da carne de aves. Senão, vejamos o caso francês. Entre 1960 e 1980, o consumo global de carne por habitante progrediu de 35 por cento, passando de 67 quilos/habitante a 90,4 quilos/hectare (trata-se aqui de um peso equivalente — carcaça e não de um peso líquido). A este crescimento individual deve-se acrescentar um crescimento demográfico de 18 por cento no período para uma expansão total em volume próxima de 60 por cento.

A partir de 1980 houve uma forte estagnação no consumo a qual durou até 1983. Entretanto, nos últimos cinco anos o consumo de carnes na França voltou a reagir atingindo 93,2 por quilos/habitante em 1988. Isto representa uma progressão média de 1 por cento ao ano entre 1980 e 1988. Tal situação coloca o povo francês como o principal consumidor de carnes junto a CEE e um dos primeiros no mundo.

Neste contexto, a carne suína

ocupa o primeiro lugar com 41 por cento do total consumido em carnes em 1988, na frente da carne bovina (26 por cento) e da carne de aves (21 por cento). Entretanto, nos últimos 29 anos o grande crescimento do consumo se traduziu na carne de aves e não na de suínos. Assim, entre 1960 e 1988 a carne bovina (boi e carneiro) caiu de 41 por cento para 32 por cento do total consumido pelo francês. A carne de porco ocupou um pouco este espaço aumentando seu consumo médio anual por habitante de 38 por cento para 41 por cento no período. Mas foi a carne de frango que saiu como grande vencedora desta competição entre carnes. Seu consumo saltou de 13 por cento para 21 por cento no período.

Verifica-se igualmente que o consumo de frango se aproxima rapidamente do consumo da carne bovina como a tabela nº 2 nos mostra. De fato, em volume absoluto, o francês consumiu em 1988 mais 26 quilos de carne do que consumia em 1960. Neste contexto, o crescimento do consumo da carne de aves situa-se muito próximo do verificado com a carne de suíno, as quais viram seus volumes consumidos crescerem mais do que o dobro daquele registrado pela carne bovina no período. Sem esquecer que desde 1983 a CEE esteve com os preços da carne bovina a níveis bem mais acessíveis do

que o normal em função dos elevados estoques existentes até 1988.

Nota-se enfim que, apesar de estar na liderança incontestável do consumo francês de carnes, a carne de suíno teve um crescimento médio de seu consumo situado em 1,4 por cento ao ano entre 1960 e 1988. Enquanto isto, a carne de aves apresentou, no mesmo período, uma expansão de 3 por cento ao ano no seu consumo médio.

Tal situação acabou somando ao conjunto de fatores que levou, nos últimos três anos, ao surgimento de um dos ciclos mais longos de baixa de preços no mercado do suíno na CEE em geral e na França em particular. O resultado final é a atual crise na oferta de animais para abate e o conseqüente aumento dos preços a nível do produtor (e igualmente do consumidor) a partir de meados de 1989 (veja gráfico nº 1).



Situação dos produtores franceses
Alto custo das rações foi decisivo para a atividade.
Pode faltar carne suína a partir de 1990

TABELA Nº 1: COMPARATIVO HISTÓRICO DOS PREÇOS DOS SUÍNOS E DOS PREÇOS DAS RAÇÕES EXCLUSIVAMENTE PARA SUÍNOS (*) (Preço por campanha — julho/junho)

	SUÍNOS (FF/kg) (%)	RAÇÕES (FF/10 kg) (%)
1983/84	10,90	18,27
1984/85	11,63 + 6,7%	17,41 - 4,9%
1985/86	10,45 - 11,3%	17,11 - 1,8%
1986/87	10,37 - 0,8%	16,18 - 5,7%
1987/88	9,53 - 8,8%	14,98 - 8,0%
1988/89	10,05 + 5,4%	15,75 + 5,1%
1989/90 (**)	12,85 + 27,9%	15,31 - 2,9%

(*) Ração calculada pelo Institut Technique du Porc (ITP) da França.

(**) Apenas o primeiro trimestre da campanha 1989/1990.

Fonte: ITP (França)

TABELA Nº 2: FRANÇA — CONSUMO DE CARNES POR TIPO DE ANIMAL 1960 E 1988 (quilo/habitante/ano)

	1960	1988	em volume ()
Suíno	25,9	37,7	+ 11,8 quilos
Boi	19,6	24,5	+ 4,9 quilos
Aves	9,0	19,4	+ 10,4 quilos
Carneiro	7,8	5,8	- 2,0 quilos
Ovelha	2,6	4,7	+ 2,1 quilos
Cavalo	2,3	1,1	- 1,2 quilos
Total (*)	67,2	93,2	+ 26,0 quilos

(*) Estes números não levam em conta o consumo de carnes menores nem o consumo de miúdos. Levando em conta estes dois tipos de produto, seria necessário acrescentar aproximadamente 17 quilos do total consumido em 1988

Fonte: ITP

As poucas chances de exportação para os brasileiros

Esta realidade obriga, no imediato, a CEE a tomar algumas medidas para fazer frente ao problema. Duas possibilidades se apresentam, no imediato para a solução da crise na oferta de carne suína. Na primeira, a CEE passa a importar carne de porco de outros países do mundo. Para tanto, dois aspectos precisam ser elucidados: verificar as disponibilidades existentes junto aos fornecedores potenciais; e estudar uma redução e mesmo eliminação temporária do protecionismo existente junto às fronteiras da CEE.

Quanto as disponibilidades existentes junto aos fornecedores potenciais, a CEE pensa sobretudo em duas regiões: os países do Leste europeu e os países da Escandinávia.

No primeiro caso, a Alemanha Oriental, a Hungria, a Tchecoslováquia e a Romênia poderiam suprir a inesperada demanda originária da CEE. Entretanto, os acontecimentos políticos nesta região do mundo, os quais estão modificando a própria história contemporânea, colocam esta região como incógnita total. Afinal, os referidos acontecimentos políticos influenciam sem dúvida no comportamento comercial dos diferentes países envolvidos.

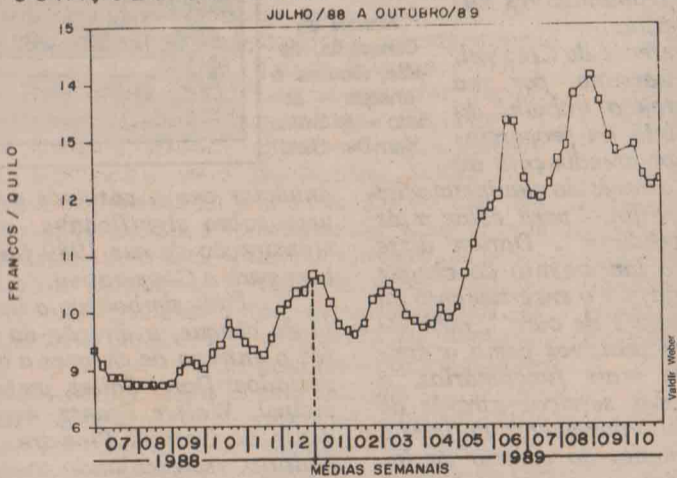
No segundo caso, faltam informações sobre a situação de produção nos países da Escandinávia. Apenas sabe-se que a Suécia e a Finlândia, fornecedores da CEE no passado, estão com uma produção de suínos bastante fraca atualmente.

Já no que tange a retirada temporária das taxações às importações feitas pela CEE, o objetivo, ainda em franca discussão, é o de baixar as taxas existentes. Isto facilitaria as compras no exterior e ao mesmo tempo faria pressão sobre os preços internos, os quais subiram muito rapidamente na segunda metade de 1989, prejudicando a política anti-inflacionista dos países membros da Comunidade.

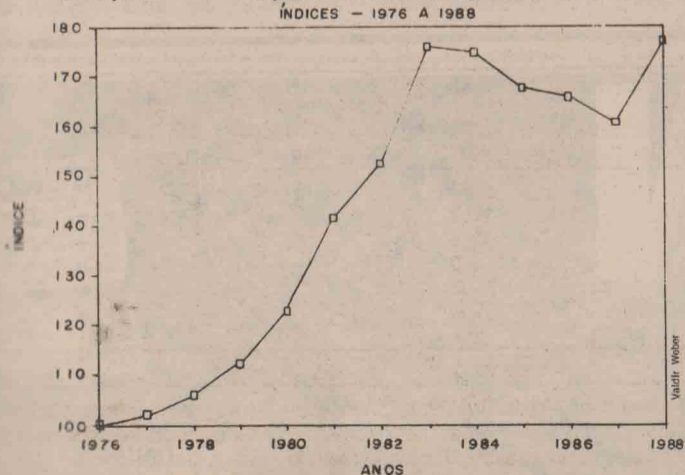
Quanto a segunda possibilidade, a mesma consiste em aguardar uma recuperação da produção interna, sobretudo em determinadas regiões específicas da CEE, motivada pelo aumento dos preços ao produtor que vem sendo observado nestes últimos meses.

Diante deste contexto, é possível que nós brasileiros possamos usufruir desta atual conjuntura européia no que tange ao mercado da carne suína. Infelizmente, as chances são mínimas na medida em que nossas exportações, após a famosa história da peste suína africana, estão apenas recomeçando. De fato, as 20 mil toneladas de carne suína exportadas pelo Brasil em 1988 representam muito pouco para fazer frente a uma demanda como a da CEE. Entretanto, para aquelas empresas que estão preparadas, possivelmente alguns negócios poderão ser realizados nestes próximos meses. Mas será preciso muita agilidade, pois a CEE em pouco tempo poderá se auto-abastecer novamente.

COTAÇÕES DO SUÍNO : BRETANHA (FRANÇA)



FRANÇA - PREÇOS DAS RAÇÕES ANIMAIS



SOJA

Variação no preço internacional

Com muita cautela, Argemiro Luís Brum diz que o preço da soja, a nível de mercado internacional pode se elevar um pouco, se estabelecendo entre 5,5 a 6,5 dólares por bushel para maio na Bolsa de Chicago

Algumas mudanças ocorreram no mercado internacional da soja de setembro para cá, vem afirmando, desde que chegou ao Brasil, em meados de dezembro, Argemiro Luís Brum, analista de mercado internacional. Argemiro concluiu, recentemente, seus estudos em doutorado, abordando em sua tese de final de curso, defendida com nota máxima na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, França, o mercado internacional da soja.

De volta ao Brasil, onde permanece até início de fevereiro, Argemiro Luís Brum começa a reformular algumas afirmações feitas em setembro, quando em conversa com os agricultores da região, falou sobre as perspectivas da soja no mercado internacional. Disse na ocasião que, a nível internacional, não se poderia esperar muito da soja, porque o preço continuava em baixa, devendo se situar entre 5 e 6 dólares por bushel. Três meses depois, embora cauteloso, avança um pouco a sua previsão e até fala em uma pequena tendência altista, capaz de elevar o preço a patamares situados entre 5,5 e 6,5 dólares por bushel. Uma elevação maior nos preços, segundo o analista, "só se ocorrer uma grande frustração na lavoura do Cone Sul, já que a safra americana está pronta e fechando em pouco mais de 52 milhões de toneladas. Com a safra americana definida e sem condições de influir no mercado, as atenções se voltam agora, de acordo com o analista, para a demanda e a lavoura da América do Sul.

O Brasil, não só está reduzindo sua área de soja em 10 por cento, como também está se preparando para colher uma safra menor em função da redução na produtividade e qualidade do produto, afetados pelo atraso e falta de recursos oficiais. As estimativas falam numa safra de 20 milhões de toneladas, "isso se o clima correr favorável". No ano passado, o Brasil produziu 23 milhões de toneladas. Na Argentina, a situação é mais ou menos parecida com a do Brasil. Até setembro, se falava em 14 milhões de toneladas, "mas hoje as previsões levam a 11 milhões.

FATOS NOVOS — Mas é justamente pelo lado da demanda que estão aparecendo alguns fatos novos que em setembro não podiam ser detectados. O primeiro deles está relacionado com o inverno na Europa que este ano começou cedo e rigoroso. O Argemiro aponta ainda, como fato importante a seca ocorrida na Europa, entre junho/setembro, levando os produtores a consumir antecipadamente grande parte de seus estoques de ração. "Só neste ponto, poderemos ter uma puxada nas compras européias, embora tudo ainda não passe de conjecturas", adianta, reforçando a questão como fundamental a nível de mercado externo.

Só que é preciso ficar alerta para um detalhe: o consumidor europeu não suporta preços elevados demais. Se a soja começar a mostrar sinais de que seu preço pode ultrapassar os 6 dólares por bushel, ele recua nas suas compras e sai em busca de outras alternativas. Esse recuo visa justamente pressionar os preços para baixo, "o que vai ser muito ruim para os produtores", diz Argemiro Brum, tentando mostrar que este é o jogo feito pelos compradores europeus.

Outro fato novo levantado pelo Argemiro e que não pode ser desconsiderado, é a abertura política e econômica que vem ocorrendo no Leste Europeu. "Em setembro, por exemplo, não tínhamos ainda uma visão muito clara desta abertura", diz ele referindo-se a Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Hungria e Polônia. Essa abertura pode representar, não imediatamente, mas a médio prazo, sobretudo na Alemanha Oriental que é o país mais rico, novos consumidores e novos mercados. É uma nova situação conjuntural que pode puxar o consumo na Europa".

ATESE — O Mercado internacional da soja foi o assunto da tese do professor Argemiro Luís Brum, que levou nota máxima e direito a publicação em francês. "O meu trabalho desenvolvido na França tem um pouco de todos que me apoiaram", ressalta, agradecendo a colaboração das duas últimas direções da Cotrijui, funcionários e agricultores da região.

A problemática da soja foi estudada pelo Argemiro Brum sob dois ângulos: o da política econômica internacional, dando ênfase a questão do livre comércio, hoje muito discutido no Gatt e dos efeitos das inovações tecnológicas. E foi estudando estas duas questões, que o Argemiro descobriu que, se realmente acontecer essa liberação do mercado agrícola internacional "como defende os Estados Unidos e o próprio Brasil nestas negociações do Gatt, a soja brasileira na Europa será duramente penalizada. Ela vai perder seus espaços".

A questão das inovações tecnológicas e neste caso o Argemiro cita o uso da informática na agricultura, as pesquisas nas áreas de semente e animal, também são preocupantes e desfavoráveis à soja brasileira na medida em que permitem aos europeus fabricar uma ração animal que não precisa da soja. "Então, o famoso modelo milho/soja, implantado pelos Estados Unidos perde espaço na Europa, dando lugar a um modelo diversificado", que usa todo o tipo de matéria-prima rica em energia e proteína. E a soja, neste caso, só vai permanecer neste novo modelo se realmente for competitiva a nível de preços", alerta.

EFEITOS — Para o Argemiro Brum, estas duas questões vão refletir seriamente sobre a produção de soja no Brasil, levando a um novo êxodo rural "bem mais sério do que aquele vivido nos anos 70". Muitos produtores não vão conseguir sobreviver frente a estas novas condições do mercado da soja". A saída, no seu entender, é partir para alternativas para que os produtores tenham novas viabilidades econômicas na sua atividade rural, "o que no momento parece difícil, mas que não é uma idéia nova."

Dom Pedrito entra no abate de suínos

A Cotrijuí Regional Dom Pedrito deu mais um importante passo em seu programa de diversificação de atividades, ao promover a 28 de dezembro, um abate experimental de suínos no frigorífico local. O abate pioneiro representou mais um passo na direção do arrojado projeto que cada vez se consolida.

Há mais de dois anos a cooperativa vinha estimulando a criação de suínos no município, através de incentivos e pela difusão de tecnologia simples, ou moderada, de animais soltos no pasto. Apesar da tradição local e da vocação para a pecuária bovina e ovina, que são predominantes na região, um grupo de pequenos e médios criadores aderiu ao novo programa. Hoje, esse número está evoluindo.

O Primeiro passo concreto por parte da cooperativa, foi gerar o estímulo junto aos associados, criando o interesse, seguido da garantia de assistência técnica e a distribuição de material genético de boa qualidade. Com a chegada dos primeiros animais reprodutores foi criado um programa de fomento, e a organização dos produtores em núcleos, com o objetivo de trocar experiências entre si, e também com o fim de conseguir melhores índi-

ces de qualidade, visando uma melhor comercialização.

Paralelamente, a Cotrijuí criou uma fábrica de rações no município. Apesar dos animais serem criados pela técnica moderada da pastagem a campo, recebem uma suplementação alimentar para melhorar o ganho de peso para abate.

Inicialmente os lotes eram abatidos em Júlio de Castilhos e em São Luiz Gonzaga, na Cooperativa Central Gaúcha de Carnes. Mas o deslocamento era duplamente prejudicial. Elevava os custos do frete e os animais perdiam peso durante a viagem. Agora, com o abate no município criador, esses dois problemas foram eliminados.

A autorização concedida pelo Ministério da Agricultura é de caráter experimental e provisória. Os técnicos acham que para ela se tomar definitiva são necessários alguns investimentos. A Cotrijuí sabe muito bem disso, e já pensa, inclusive, na implantação de uma cozinha industrial de pequeno porte, para produzir embutidos.

Nesse primeiro abate experimental tudo correu muito bem, e já foi possível detectar, na prática, algumas alterações que terão de ser feitas na ilha de matança, explicou o gerente industrial do frigorífico.



No lançamento do cheque especial
A presença de convidados e associados

Credipel tem cheque especial

Em solenidade realizada na Afucotri de Augusto Pestana, no dia 12 de dezembro, aproximadamente cinquenta pessoas entre associados e convidados participaram do lançamento oficial do cheque especial da Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda. O ato foi presidido pelo presidente da entidade, Bruno Van Der Sand, que agradeceu o apoio que tem recebido dos associados, da Cotrijuí, da Prefeitura Municipal, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Ceriluz.

O gerente da Credipel, Darlan Bellarmino, por sua vez, salientou o trabalho da atual diretoria em proporcionar o melhor atendimento ao associado, através da sua instalação junto a Cotrijuí, "para estar mais perto do produtor". Darlan disse ainda que o lançamento do cheque especial significa o encerramento do ano "com chave de ouro", além de outros fatos positivos como a contratação de mais funcionários, a agilização dos serviços através de computação, o pagamento do leite e o financiamento do custeio da lavoura de soja.

"A Credipel pretende em breve atender todas as necessidades do produtor", acentuou o gerente, que aproveitou a ocasião também para



Manoel da Conceição, de Jóia, recebeu o cheque - ao lado - de Bruno Van Der Sand



anunciar que a entidade conta com uma sobra significativa, como demonstração de que 1989 foi um ano bom para a Cooperativa.

Para simbolizar o lançamento do cheque, a direção da Credipel fez a entrega de cheques a cinco associados: Darci Sallet, prefeito municipal, Walter Frantz, superintendente da Cotrijuí Pioneira, Ricardo Guiotto, representando todos os associados da Credipel, Oscar Otto Hoerle, um dos associados mais antigos e Manoel Antônio Conceição, representando os associados de Jóia.

Imposto de renda na atividade agrícola

Gilson Rasador

O Ministério da Fazenda expediu a Portaria nº 20, de 21 de dezembro último, determinando que os rendimentos auferidos por pessoas físicas, oriundos da exploração da atividade agrícola e pastoril, e das indústrias extrativas vegetal e animal, serão tributados pelo Imposto Sobre a Renda no exercício financeiro de 1990, ano-base de 1989, mediante a aplicação da seguinte tabela progressiva:

RENDA LÍQUIDA ANUAL	ALÍQUOTA	PARCELA A DEDUZIR
Até NCz\$ 11.960,00	Isento	000000000
De 11.960,01 a 39.855,00	10%	NCz\$ 1.196,00
Acima de 39.855,00	25%	NCz\$ 7.174,25

A renda líquida anual referida na tabela será apurada, para fins de cálculo do imposto, tomando a renda bruta total do ano reduzida do incentivo em função dos investimentos realizados durante o ano-base, na exploração da atividade rural, tais como: A) Benfeitorias, construções, instalações, melhoramentos e culturas perenes, B) Máquinas, equipamentos e utensílios, C) Formação ou melhoria do plantel e, D) Insumos.

Além dos incentivos mencionados, para a apuração da renda líquida anual, são permitidas ainda as seguintes deduções:

A) - Alimentos ou pensões pagas em cumprimento de acordo ou decisão judicial, B) - Pagamentos feitos a médicos, dentistas, psicólogos, fisioterapeutas e hospitais, na parte que exceder aos 5 por cento do rendimento bruto anual, C) - Valor equivalente a 35 BTN por dependente, ao mês, até o limite de cinco dependentes, e, D) - Contribuições e doações feitas à instituições filantrópicas, de educação, pesquisas científicas ou de natureza cultural, reconhecidas pelo Ministério da Fazenda, até ao limite de 15 por cento do imposto a pagar.

O imposto deverá ser pago:

A) - Até o último dia útil do mês de janeiro pelo valor original devido.
B) - Em até seis parcelas mensais sucessivas, a primeira vencível no mês de abril, devendo ser atualizadas pelo valor do Bônus do Tesouro Nacional - BTN, a partir do mês de janeiro. Maiores informações, inclusive quanto ao modelo e prazos de entrega da declaração deverão ser expedidas pela Receita Federal através do Manual de Instruções.

Gilson Rasador é advogado da Cotrijuí em Porto Alegre

CURACRON

Para conter o avanço da Lagarta da Soja.

Marca registrada da Ciba Geigy, Basileia, Suíça. Produto registrado na DIBROF/SDSV/MA sob nº 008666/88.



ATENÇÃO

Este produto, como todo defensivo, pode ser perigoso para a saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Use-o corretamente, seguindo sempre as recomendações do rótulo. Consulte um Engenheiro Agrônomo.



CIBA GEIGY

O Cone Sul unido



Governador Pedro Simon
Presidiu a abertura do encontro e pregou a soma de forças

"Temos que nos juntar": foi o apelo feito pelo governador Pedro Simon, em Livramento, ao encerrar o encontro cooperativista internacional. Intercâmbio pode girar em torno do arroz, soja, trigo, sorgo, frutas, carne, lã, genética animal e até elevada tecnologia.

"Não devemos nos olhar nunca como adversários e menos ainda como inimigos, porque no cooperativismo somente deve haver amigos, aliados e companheiros frater-nos". Essa conclamação foi feita pelo presidente da Ocergs - Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul, Adelar da Cunha, durante o discurso de abertura do Encontro de Cooperativas do Cone Sul, dia 7 de dezembro, em Santana do Livramento.

O encontro internacional das cooperativas do Extremo Sul foi uma iniciativa da própria Ocergs, com a colaboração da Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB; Organização das Cooperativas da América e Confederação Uruguaiana de Cooperativas - Cudecoop. Realizado em dois dias, 7 e 8 de dezembro, reuniu expressivos nomes do cooperativismo brasileiro e de países do Prata, com o objetivo de abrir novos caminhos em prol do intercâmbio cooperativo no Cone Sul.

COMO NO MERCADO COMUM EUROPEU - Juntamente com uma linha de raciocínio postada na possibilidade de ampliar o intercâmbio regional entre os três países fronteiristas do Extremo Sul, há quem olhe para mais longe e vislumbre um modelo ampliado do que ocorre na Europa do Mercado Comum. Existem também os exemplos, mais recentes, mas igualmente já exitosos, do intercâmbio Estados Unidos-México-Canadá, e o próprio Bloco Asiático, todos se consolidando cada vez mais.

O presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras, Roberto Rodrigues, durante pronunciamento feito na oportunidade, disse que a integração a ser discutida e referendada não deve limitar-se a uma questão de semântica. Deve, isso sim, ser expressada

com o arrojo de uma extrema necessidade e urgência. "As razões que nos aproximam - frisou - são muito mais poderosas do que as que nos distanciam", ressaltou Roberto Rodrigues.

TEMOS QUE NOS JUNTAR - Raciocínio idêntico foi manifestado também pelo governador do Estado, Pedro Simon, ao registrar aos participantes seu total apoio à iniciativa do cooperativismo. Ele disse: "Nós não devemos ter preocupação se a carne ou a lã é uruguaia, brasileira ou argentina. Temos é que nos juntar para conquistar novos mercados. Trata-se - disse - de uma política de legítima defesa econômica. Ou a ela nos adaptamos para retirar algum proveito em benefício de nossos países, ou permaneceremos na retaguarda do processo, com graves e irrecuperáveis prejuízos". O governador falou aos participantes do encontro, durante o almoço de encerramento no dia 8.

DIVERSOS GRUPOS - Divididos em grupos formados por segmentos de atividades e áreas de interesse, os 250 participantes do Encontro Cooperativista do Cone Sul identificaram os diversos aspectos e viram das possibilidades de intercâmbio a serem incrementadas por seus respectivos países. Na área de grãos, que possuía o grupo mais numeroso, foi revelado que as intenções fixaram-se em interesses recíprocos de produtos como arroz, soja, trigo, milho, sorgo, frutas, sementes selecionadas e forrageiras.

Também existe a possibilidade de troca de tecnologia e compra de sacaria, por parte do Brasil. Calcário, má-

quinas agrícolas, silos e secadores, são concorrentes potenciais para fortalecer o intercâmbio inter-cooperativas. **MERCADO DE LÃ** - O grupo que tratou de estudar as possibilidades da lã, sugeriu que o setor, entre outras medidas para se proteger no mercado internacional, os países produtores do Cone Sul devem estabelecer uma frente de comércio comum, realizadas importações e exportações conjuntas temporárias, com jornadas de trocas de expe-

riências.

O grupo dedicado ao setor carnes apontou, como medidas prioritárias, que a compra ou a venda do material genético, reprodutores ou sêmen, seja isenta de tributação entre as cooperativas, já que de produtor a produtor, e que a taxa cambial seja sempre compatível com o mercado internacional da moeda. Outra reivindicação é a que estabelece isenção para o ICMS na exportação de carnes. Foram estudados também os segmen-

tos crédito e laticínios, onde se revela uma forte concentração cooperativista na América do Sul, em especial, nos países formadores do Cone Sul.

Dirigentes e técnicos cooperativistas do Uruguai e Argentina, juntamente com os brasileiros, tiveram grande participação nos trabalhos realizados, tanto em plenário como nas comissões de trabalho. O Encontro Cooperativista do Cone Sul realizou-se no Clube Caixeiral da cidade fronteiriça.

Uréia. Sempre a melhor aplicação.



Aplicando Uréia em cobertura, sua safra de lucros é maior.

Com a Uréia, o seu retorno vem rápido. Com o mais alto teor de Nitrogênio (45%), a Uréia é o fertilizante nitrogenado mais usado no Brasil e no mundo. Você aplica em cobertura no milho, café, cana-de-açúcar, arroz, tomate e várias outras culturas,

e vê a produtividade aumentar logo. A Uréia é a fonte mais barata de Nitrogênio. E, como se não bastasse tudo isso, ela também possibilita uma economia no transporte, na armazenagem e na aplicação.



Para receber gratuitamente o folheto Uréia Fertilizante escreva para: Petrofertil S.A. ACOM/ Caixa Postal 15.071 CEP 20031 - Rio de Janeiro-RJ



QUALIDADE
PETROBRAS
FERTILIZANTES S.A. - PETROFERTIL



O locomóvel pode voltar

A convicção de que irá faltar energia nos próximos anos, provavelmente a partir de 1993, obriga a pensar em meios alternativos de força energética. Segundo especialistas do setor e autoridades responsáveis, dentre estas, o próprio secretário de Minas e Energia do Estado, Alcides Saldanha, o ano fatal será mesmo 1993, quando forçosamente haverá racionamento de energia, prejudicando em muito a produção industrial e mesmo o comércio e a agricultura.

Uma opção muito provável e cem por cento possível, notadamente em regiões do interior onde é produzido arroz, é a queima da casca do cereal, como combustível. Não se trata de nada de novo, como muitos poderão entender. No passado, antes da chegada da energia elétrica no campo e quando o óleo diesel ainda não era popular entre nós, era a casca do arroz que, queimada, movimentava os locomóveis e faziam funcionar os engenhos beneficiadores de arroz.

O processo resultava em duplo benefício. O econômico, devido ao aproveitamento da casca do cereal como força motriz, e a redução do entulho em proximidades dos engenhos, que se constitui em eterno problema nos dias atuais. Hoje, já se sabe, é possível acrescentar mais uma vantagem ao processo. Trata-se do aproveitamento da cinza como elemento adjuvante na formação do adubo orgânico.

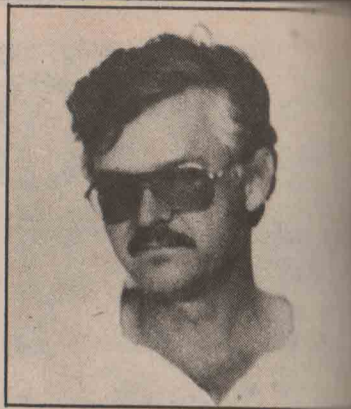
Em Dom Pedrito funcionou até cerca de cinco anos atrás, o engenho dos Irmãos Bundt, acionado por um locomóvel movido a energia a vapor, pelo processo de queima de casca de arroz. A reportagem do "Cotrijornal" entrevistou naquele município o atual proprietário do engenho, Orlando Osvaldo Bundt, filho do fundador. O empresário mostrou-se preocupado com as notícias, cada vez mais insistentes, de falta de energia nos próximos anos, e considerou a possibilidade de retornar ao processo de queima da casca de arroz em seu engenho. Aliás, sua empresa não che-

gou a desistir completamente do velho sistema. Apesar do engenho ser movimentado hoje por força energética, os secadores são movimentados por um processo de aeração aquecido através de combustão por casca de arroz.

O QUE É UM LOCOMÓVEL? — Vejamos o que vem a ser um locomóvel. Essa máquina a vapor, estática, conforme se deduz pelo próprio nome, é uma caldeira de formato horizontal. É composta

por uma fomalha, como das antigas locomotivas tipo "Maria Fumaça", posto que maior; feixe tubular e superaquecedor aquo-tubular, e caldeira. A combustão se completa na fomalha e os gases entram no tubulão-fomalha, provocando a força-motriz.

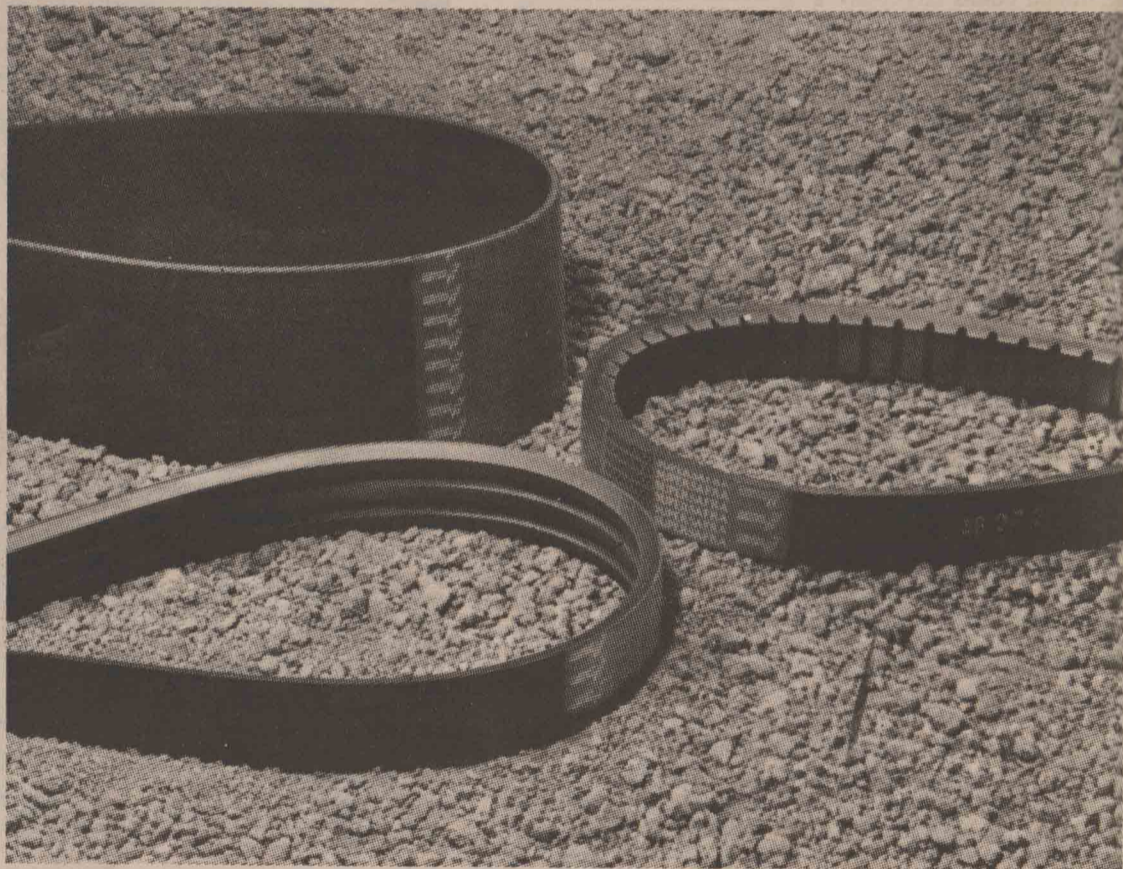
A fomalha é para a queima de casca de arroz, pelo sistema convencional de grelhas em escada. A alimentação da casca vem de silo instalado sobre a fomalha, de onde



Orlando Bundt

desce por gravidade. Há pelo menos dois tipos de locomóvel. Pode ser de origem industrial, em ferro fundido, com todos os recursos da técnica, ou construída em tijolos refratários (a fomalha), com a caldeira e demais peças de precisão em ferro e aço.

VEM AÍ UMA SUPERSAFRA.



CORREIAS AGRÍCOLAS MERCÚRIO. SUA FORÇA NA COLHEITA.

O Brasil trabalhou muito por uma supersafra, uma grande produção. Mas ainda tem uma nova tarefa pela frente: conseguir colher tudo o que plantou e obter o máximo em rendimento. No que depender da Mercúrio, esse desafio já está vencido. A Supersafra das Correias Agrícolas Mercúrio vai dar vida nova para suas máquinas e uma supercolheita para você. São 5 tipos de correias, em aramid ou poliéster, todas disponíveis em diversos perfis e dimensões:

• **AGRIMERCO:** Tem grande resistência transversal e núcleo indeformável. Especial para tração em máquinas colheitadeiras.

• **"V" ESPECIAL SUPER:** Construída somente com materiais nobres, apresentou excelente desempenho em testes laboratoriais e de campo.

• **PLANA SEM FIM:** Apresenta alta resistência à tensão e flexão, além de elevada estabilidade dimensional e adesão entre os seus componentes.

• **SEXTAVADA:** Tem capacidade de acionar dois sistemas simultaneamente. É também indicada em casos onde são necessárias grandes deflexões.

• **MULTIFLEX:** Proporciona transmissão uniforme, sem sobrecarregar uma única correia, apresentando portanto melhor absorção de choque por sobrecarga.

Fique preparado para a supersafra com as Correias Mercúrio.

Elas estão sempre em uma loja perto de você. Aproveite e dê essa força para suas máquinas. Com certeza elas vão lhe devolver em dobro.



Via Anhangüera, km 55,5 - Jundiaí - SP
PABX (011) 437-1311 - Telex (11) 79875

Marimon: pior ano da última década

A Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul — Farsul, promoveu no último dia 20, seu já tradicional almoço de confraternização com a imprensa, para assinalar o novo ano. E como já era esperado, o presidente da entidade, Ary Faria Marimon, foi bastante pessimista ao avaliar a performance do setor no decorrer do ano que chegou ao fim. Segundo frisou, o 1989 foi o pior dos últimos 13 anos para um total de 15 produtos agrícolas, e chegou a ironizar Sarney ao dizer que as decantadas supersafras não dependeram em nada do governo, mas, exclusivamente, dos produtores, dos técnicos e da pesquisa.

Advertiu que o momento é crítico. A descapitalização dos agricultores é uma triste realidade, que se agrava nos últimos tempos devido aos rigores do clima de seca que continua castigando o Estado. Temos aí mais outros problemas de extrema gravidade: a seca, a falta de recursos e os juros altíssimos, a penalizar os agricultores, destacou Ary Marimon.

NOVO GOVERNO — Com relação a sucessão presidencial, a ocorrer a partir de 15 de março, Ary Marimon considera que o futuro presidente terá que adotar medidas para a agricultura bem diferentes das adotadas pelo governo de José Sarney.



Ary Marimon

Entende que a agricultura deva ser considerada por seu importantíssimo papel econômico e social, evitando-se a falta de recursos para o plantio e comercialização das safras. Admitiu que a adoção de algumas medidas poderão "doer muito, mas que não haverá outra saída para que o país se direcione pelo caminho certo".

Marimon não concorda com algumas opiniões que defendem a antecipação da posse do novo presidente, como saída ideal para contornar a crise que se abate sobre o país. Para ele, esta não é a solução ideal, pois acredita que só criaria uma expectativa. Em sua opinião, existem problemas de ordem conjuntural bem mais complexos a serem removidos, para que só então o Brasil encontre saída para a crise. Mas considera de extrema importância que o futuro governo encontre o maior apoio e compreensão, principalmente em seus primeiros meses de administração, pois considera que vai precisar muito disso, ressaltou.

Mais respeito a natureza

Wilde Guimbariski

A rápida expansão da cultura da soja no Brasil ocorrida durante a década passada não se fez acompanhar num primeiro instante de tecnologias adequadas ao melhor aproveitamento dos fatores de produção. O controle de pragas da soja não escapou à regra geral, e dessa forma, algumas incongruências podiam ser detectadas entre os agricultores.

Pode-se citar o descuido com o manejo das pragas de real importância na cultura quanto aos danos das mesmas, das épocas de sua ocorrência, da importância do equilíbrio biológico, dos critérios para utilização do controle químico, entre outros aspectos.

A conseqüência mais palpável dessa situação era o uso irracional e desregrado de inseticidas químicos que, além de onerarem desnecessariamente o agricultor, acabavam por apresentar efeitos colaterais, como o desequilíbrio biológico, conseqüentemente a invasão das pragas secundárias e possibilidade de surgimento de resistência a inseticidas. Além disso a agressão ao homem e ao meio ambiente, representada por inúmeros casos de intoxicação de homens e animais, poluição dos solos e das águas.

A partir disso iniciou-se o estudo de uma tecnologia alternativa denominada "manejo de pragas da soja", cujo objetivo principal tem sido propiciar ao agricultor, condições para obter um controle racional, econômico e com fundamentos científicos das pragas que por ventura possam comprometer a lavoura de soja. Constitue parte essencial dessa estratégia, a integração de diversos métodos que, em conjunto, possam evitar que a lavoura de soja tenha a produção ou a quali-

dade dos grãos comprometida pela ação das pragas.

Algumas medidas podem ser tomadas para que a soja utilize ao máximo seu potencial de recuperação ao ataque de pragas. Dessa forma, a utilização de cultivares perfeitamente adaptadas a região, o uso de sementes vigorosas, com bom potencial de germinação, um bom preparo do solo que permita um enraizamento profundo, a adubação correta, aliada às condições favoráveis, são fatores que integradamente proporcionam às plantas melhores condições de suportar o ataque de pragas. Também tem sido observado que a soja consorciada com milho, café ou frutíferas, bem como as lavouras situadas próximas a vegetação que sirva de abrigo aos inimigos naturais, tem apresentado menos problemas com o ataque de pragas.

No que diz respeito ao controle biológico, ele deve ser entendido de duas formas. Em primeiro lugar o agricultor deve procurar preservar os inimigos naturais presentes nas lavouras, evitando aplicações desnecessárias, utilizando inseticidas seletivos e mantendo locais de refúgio dos mesmos em pontos da lavoura, ações estas que a médio prazo favorecem a proliferação dos agentes de controle natural.

Como ação complementar, pode-se aumentar a população ou o inóculo de inimigos naturais pela sua introdução artificial na lavoura. Já o controle químico, ao contrário do que já vinha sendo efetuado nas lavouras de soja, deve ser utilizado ocasionalmente para reduzir populações economicamente importantes de pragas de soja. De acordo com a filosofia do programa de manejo de pragas, as aplicações de ordem preventiva são desaconselhadas pelo seu impacto sobre os agentes de con-

trole biológico e pelo risco de não haver um retorno econômico à altura do investimento.

Alguns pré-requisitos são exigidos dos produtos e doses selecionadas para uso no programa, quais sejam, o inseticida na dose selecionada deve controlar de 80 a 90 por cento da praga visada, deve apresentar um efeito residual de média duração, deve ser seletivo para os principais inimigos naturais que existem na cultura, não deve ter sérias restrições do ponto de vista toxicológico e deve ser econômico para uso na cultura, não podendo permanecer sob a forma de resíduos nos grãos. O programa possui um largo alcance econômico e social.

Alguns resultados imponderáveis obtidos referem-se a possibilidade de redução do número de intoxicações, pela recomendação de cuidados no seu uso e pela indicação de inseticidas com problemas toxicológicos menos gra-

ves. Além disso, o exercício do programa cria no técnico e no produtor uma consciência ecológica, a necessidade de proteção da fauna e a proteção aos cursos de água. No campo econômico, tanto o agricultor como o país, podem se beneficiar amplamente pela racionalização do uso dos fatores de produção e é essencialmente dinâmico, incorporando ao acervo as mais recentes inovações obtidas no campo da pesquisa, traduzindo-as em tecnologias acessíveis ao produtor.

Diversos aspectos relacionados ao manejo de pragas estão sendo estudados, podendo ser salientados os trabalhos referentes ao aproveitamento de armadilhas luminosas e ferohormônios sexuais como formas de controle físico e levantamento de pragas, e o uso do controle biológico através da manipulação de agentes de controle natural especialmente de doenças e parasitas. Os níveis de danos

das pragas bem como os inseticidas e doses para seu controle também estão sendo constantemente reavaliados. Os melhoristas que trabalham com soja buscam materiais genéticos que, aliados a outras características desejáveis, tenham tolerância ou resistência às principais pragas da soja.

Finalmente deve-se salientar que as informações existentes sobre as pragas de soja, sua biologia, seus hábitos, seus danos, seus inimigos naturais e outros aspectos, estão sendo consolidados em programas computadorizados que simulam situações reais da lavoura, para um melhor entendimento do processo. Dessa forma, busca-se utilizar de forma conveniente as informações disponíveis, procurando suprir as deficiências do conhecimento atual.

Wilde Guimbariski é engenheiro agrônomo da Cotrijuí/Laguna Caarapá/MS

Cotrijuí assina convênio

Assessoramento técnico e melhoramento animal são dois itens que fazem parte de um convênio assinado entre o setor de Assistência aos Rebanhos de Criadores de Ovino, a Arco, e Cotrijuí Pioneira, no dia 14 de dezembro passado. Através desse acordo, várias propriedades da Região Pioneira poderão ter estimuladas a atividade de ovinocultura, por meio do melhoramento zootécnico e o credenciamento de técnicos da Cooperativa junto a Arco.



Cotrijuí assina convênio com a Arco. Participaram Luis Carlos Brum e Ilo Boucinha dos Rebanhos de Criadores de Ovino, a Arco, e Cotrijuí Pioneira, no dia 14 de dezembro passado. Através desse acordo, várias propriedades da Região Pioneira poderão ter estimuladas a atividade de ovinocultura, por meio do melhoramento zootécnico e o credenciamento de técnicos da Cooperativa junto a Arco.

Futuramente está previsto também a terminação de borregos nas propriedades da região, como uma atividade alternativa e com poucos investimentos para o terminador. O convênio foi assinado pelo presidente da Arco, Luis Carlos Veloso Brum, o assistente Ilo Mendes Boucinha e a direção da Regional Pioneira.

VERDICT.* O HERBICIDA PÓS-EFICIENTE.

EM QUALQUER ESTÁGIO.

VERDICT* controla as gramíneas em qualquer estágio, desde os iniciais até os mais avançados, o que proporciona muito mais segurança e tranquilidade ao sojicultor, tanto no Plantio Direto como no Convencional. Podendo ainda ser aplicado em áreas menores e somente quando necessário.

NA SELETIVIDADE E RÁPIDA ABSORÇÃO.

VERDICT* é totalmente seletivo à soja, o que o torna altamente seguro. E graças a sua Rápida Absorção, pode ser aplicado até uma hora antes de chuvas pesadas sem afetar a sua comprovada eficiência.

NA AÇÃO RESIDUAL

Por possuir Ação Residual, que controla as gramíneas por até 40 dias, e por ser compatível com herbicidas para folhas largas, VERDICT* pode ser aplicado entre o 15º e 20º dia após o plantio, juntamente com o herbicida para folhas largas, evitando assim a competição com o mato e uma segunda entrada de maquinário na lavoura, o que proporciona maior produtividade e economia ao sojicultor.

NA EFETIVIDADE E AÇÃO SISTÊMICA.

VERDICT* é altamente efetivo, ou seja, age com menor quantidade de princípio ativo por hectare e graças a sua Ação Sistêmica elimina a parte aérea e raízes das gramíneas.



VERDICT.
HERBICIDA
O HERBICIDA PÓS-EFICIENTE



DOW
*
Agroquímicos

DOW PRODUTOS QUÍMICOS LTDA. - Escritório Central: São Paulo (SP) - Rua Alexandre Dumas, 1671 - 4º andar, ala C - CEP 04717
Chác. Sto. Antônio - Fone: PABX: (011) 546-9122 - Telex: 011 22162 - DOWQ BR
Londrina (PR), Av. Tiradentes, 80 - 1º andar - CEP 86060 - Fone: (0432) 27-6768 Telex: (43) 3003

COLUNA do LEITE

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário
Alaor José Daltozo — tecnólogo em cooperativismo

LEITE EXCESSO

Uma boa notícia para os produtores de leite está fechando o ano de 1989. O Conselho de Administração da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, em reunião realizada no dia 19 de dezembro, decidiu pela não aplicação do leite excesso nos meses de janeiro e fevereiro, muito embora tal procedimento seja permitido pela portaria da Sunab, responsável pela regulamentação da comercialização do produto. Esta decisão vem de encontro aos interesses de muitos produtores da região que, por descontentamento com a aplicação da tal portaria, vinham reduzindo a produção de leite ou ainda transferindo a produção para outras áreas em função do menor preço pago ao leite classificado como excesso. Sem a aplicação da portaria, além de melhor remunerados, estes produtores poderão voltar a entregar a totalidade da sua produção na cooperativa.

COLETA A GRANEL

Uma experiência que poderá mudar completamente o perfil da produção leiteira da região está em andamento no Posto de Recebimento de Leite de Ijuí: a coleta a granel. É o sistema adotado em países desenvolvidos e que na região passa a ser uma necessidade em função dos benefícios que poderá trazer. O sistema já foi testado em algumas cooperativas filiadas a CCGL, sendo plenamente aprovado. Uma destas cooperativas já tem, em funcionamento, linhas de coleta a granel, tal o sucesso alcançado. Pelo sistema a granel, o transportador testa a acidez e mede a quantidade entregue, anotando as informações na caderneta do produtor. Se for constatada acidez no leite, o produto fica retido na propriedade. A nível de indústria, a vantagem deste sistema é que ele ajuda a controlar a qualidade do produto entregue, já que o leite ácido não é mais misturado ao produto bom. No caso do produtor, ele pode contar com vantagem o fato de poder acompanhar, através das anotações feitas na caderneta, as entregas diárias além, é claro, de poder ficar com o produto ácido na propriedade, dando um outro destino. E, a nível de cooperativa, o sistema apresenta a vantagem de facilitar a descarga do produto entregue.

Nesta fase experimental, alguns critérios quanto a escolha da linha de coleta foram observados, destacando-se: a distância da linha de coleta; extensão da linha; número de produtores; condições de trafegabilidade das estradas do trajeto, que devem ser no mínimo razoáveis e alta produtividade por propriedade.

Antes de colocada em prática a experiência, o assunto foi discutido entre os freiteiros, oportunidade em que foi colocado, pelo pessoal da Cotrijuí, os objetivos do sistema em teste. Com os produtores, onde a experiência está sendo colocada em prática, foi debatida a diferença entre a forma da coleta tradicional e da coleta a granel; os objetivos do novo sistema e as perspectivas da adoção deste tipo de coleta. O produtor também recebeu orientações no sentido de como proceder com sua produção no caso da coleta a granel. Após o período de experimentação, com duração de 20 dias, deverá ocorrer uma nova reunião com os produtores envolvidos para uma avaliação do sistema de entrega a granel. Este tipo de experiência está acontecendo na Linha 2.000, envolvendo produtores de leite da Região Norte de Ijuí. A implantação definitiva do sistema vai depender de uma ampla discussão com os produtores no sentido de se buscar formas de atuação na coleta e produção — questões que podem trazer viabilidade econômica tanto aos produtores como aos freiteiros.

Ainda estão previstas novas experiências de coleta a granel na área de atuação da Cotrijuí, nos postos de recebimento de Ajuricaba, Santo Augusto e Tenente Portela.

REGULAMENTO DA COTA PRÊMIO

Buscando incentivar ainda mais a produção leiteira durante os meses de inverno e, conseqüentemente chegar a formação de uma cota mais elevada para os meses de verão, a CCGL decidiu pela continuidade do seu programa de cota prêmio para o ano de 1990, buscando premiar aqueles produtores que atingiram os seguintes requisitos:

- Entrega mensal de no mínimo 600 litros de leite por mês, considerando somente o leite normal;
- Somente terão direito a participar do programa aqueles produtores que entregaram toda a sua produção na cooperativa no ano imediatamente anterior a entressafra;
- Não tenham tido nenhum tipo de fraude no leite durante o período da cota prêmio e também no ano anterior a entressafra;
- Tenham atingido uma gordura mínima de 3,1 por cento e uma redução mínima de 1 hora e 30 minutos.

Os produtores que atingiram estes requisitos serão premiados nas seguintes condições: 10 por cento sobre o valor do leite consumo para aqueles que conseguirem entregar, durante o período de entressafra, produção equivalente a 100 por cento ou mais da produzida na safra; 8 por cento do valor do leite consumo para aqueles que conseguiram produzir no período de entressafra entre 90 a 99 por cento do total produzido na safra e 5 por cento do valor do leite consumo para aqueles produtores que entregaram na entressafra entre 80 a 89 por cento do total produzido na safra.

O período da safra compreende os meses de outubro, novembro e dezembro de 89 e janeiro de 90, portanto, já em vigor. O período de entressafra, vai de abril a julho de 90.



Bolívar de Souza Lima — ao lado
Na luta pela criação da zona de exportação



Zona de exportação no porto rio-grandino

Bolívar de Souza Lima foi reeleito presidente do Conselho Especial de Usuários do Porto. Luta para sediar o DEPREC vai continuar

O gerente operacional da Unidade da Cotrijuí em Rio Grande, que administra o Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", Bolívar de Souza Lima, foi reeleito presidente do Conselho Especial de Usuários do Porto. O CEU, criado em 1980, tem como finalidade servir como órgão consultivo nas questões relacionadas ao Porto, sejam nas questões administrativas ou de infra-estrutura operacional. Nele estão representadas entidades como a Fiergs, Federasul, Farsul, armadores, agenciadores de navegação; a Marinha, Administração do Porto, cooperativas, exportadores e entidades estivaras.

Bolívar Lima, que foi reeleito por aclamação, pela unanimidade das entidades mantenedoras do CEU, antecipou alguns pontos de sua gestão para 1990 e enfatizou as de maior importância. Uma das expectativas maiores de sua gestão vai ser a implantação, já aprovada, de uma Zona de Processamento de Exportação em Rio Grande, e a liberação de um depósito alfandegado do Paraguai na área portuária.

Sobre a Zona de Processamento de Exportação, Bolívar acredita tratar-se de um marco na história do Porto, considerando que pode significar uma espécie de alavanca, abrindo mercados no exterior para produtos brasileiros, especialmente os do Rio Grande do Sul. Ele promete começar o ano novo "brigando" pela regulamentação do Decreto Lei nº 96.909, que criou a ZPE. Ressaltou que isso evitará que a Portobrás — por exemplo — só consulte o CEU quando julga ser conveniente a si própria, não o fazendo em questões de maior importância, como tem ocorrido em diversas vezes, afirma o empresário.

MAIOR REPRESENTAÇÃO — Ressalta Bolívar que a regulamentação do Decreto Lei permitirá também a participação de dois representantes dos trabalhadores no Conselho, o que não ocorre hoje. E também será alterada a atuação junto ao Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais. Segundo o presidente do CEU, o organismo recebe a atenção do DEPREC, mas de forma oficiosa, não oficial.

A partir da oficialização, ele acredita que o CEU será representado no Conselho Hidroviário do Estado, o que não acontece hoje. E ainda outra questão que vai continuar sendo tratada no próximo ano é a transferência da sede do DEPREC para Rio Grande, assunto de grande relevância para autoridades, lideranças empresariais e do próprio povo rio-grandino.

Leite: reajuste médio de 51%

Os preços para o leite, a nível de produtor, sofreram um reajuste médio de 51,05 por cento, a vigorar para janeiro de 1990. Para o consumidor, o reajuste ficou em 54,40 por cento. Os novos preços são os seguintes:

Leite tipo consumo.....	NCz\$ 3,22 o litro
Leite tipo indústria.....	NCz\$ 3,20 o litro
Leite excesso até 20 por cento da cota.....	NCz\$ 2,90 o litro
Leite excesso acima de 20 por cento da cota.....	Livre negociação
Leite ao consumidor.....	NCz\$ 5,25 o litro



COTRIEXPORT

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

PARA SEGUROS DE:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342

- 5º andar - Fone 33-50-32

A Feira de Ovinos de Verão em março

Curso de formação de mão-de-obra

Os técnicos da Secretaria da Agricultura de Dom Pedrito, Emater local e a Unidade Regional da Cotrijuí do município, estão promovendo, pelo segundo ano consecutivo, um curso de formação de mão-de-obra rural no Parque de Exposições Juventino. O curso acontece, também, durante a realização da 11ª Feira de Ovinos de Verão do município de Dom Pedrito. Os promotores querem, com a realização deste curso, chamar a atenção dos produtores rurais para a necessidade de especializar a mão-de-obra disponível na propriedade, munindo-os de informações técnicas sobre a correta retirada e conservação das peles ovinas.

A valorização das peles no mercado e os resultados obtidos com o curso realizado no ano anterior, estão levando os técnicos e promotores do evento a aumentarem os números de instrutores, já que o número de participantes deverá ficar bem acima das previsões iniciais.

O Sindicato Rural de Dom Pedrito está promovendo para os dias 1º, 2 e 3 de março de 1990, a 11ª Feira de Ovinos de Verão. O evento vem recebendo toda a atenção da diretoria do Sindicato, que busca repetir o sucesso alcançado na Feira realizada em 1988 "e, se possível, alcançar um crescimento positivo em termos de vendas", destaca José Roberto Pires Weber, presidente do Sindicato. Com esta perspectiva em mente, o Sindicato Ru-

ral já deu início a um trabalho em conjunto com a firma Sul Remates, a Secretaria da Agricultura, Emater, Cotrijuí, a Associação Riograndense de Criadores de Ovinos, a Fecocarne, a Revista Ovinocultura e o Senar. Os remates dos animais das raças Romney Marsh, Ille de France e Texel inicia no dia 3 de março.

LÃ E CARNE — A segunda edição do Lã e Carne acontece na mes-

ma ocasião, de forma paralela a 11ª Feira de Ovinos de Verão. Durante a realização destes eventos, os organizadores decidiram incluir na programação, um concurso de carcaças de cordeiro e um treinamento de tipificação de carcaças ovinas. No dia 2 de março acontece o 1º painel sobre Produção, Comercialização e Industrialização da Lã. O painel prossegue no dia 3 com palestras sobre as Potencialidades do Mercado para Carne Bovina.

Importância da silagem na pecuária

Onairo Sanches

É sabido que em todo o Brasil existem épocas de fácil e de difícil produção de pastagens. No Rio Grande do Sul, a deficiência de pastagens ocorre no período de outono-inverno — meses de abril a julho. Essa deficiência chega a ser responsável por uma queda de até 50 por cento na produção leiteira, influenciando também na perda de peso do gado de corte.

É impossível produzir carne e leite de forma econômica sem que haja um plano forrageiro em cada propriedade. Esse plano deve abranger a produção de forrageira suficiente para alimentar o gado durante todo o ano, contemplando uma produção adequada de volumosos, pois o gado, como um animal ruminante, necessita deste tipo de alimento na sua nutrição. Devido aos altos custos, é praticamente impossível alimentar o gado à base de rações concentradas, que deveriam ser fornecidas apenas como complemento da alimentação volumosa.

Para suprir essa deficiência na produção de volumosos para o consumo direto em certos períodos do ano, o produtor precisa armazenar alimento na propriedade para poder fazer frente às situações de escassez. Esse alimento pode ficar armazenado através da fenação ou ensilagem.

A ENSILAGEM PRINCÍPIOS — O princípio básico da conservação de forragem através da ensilagem baseia-se na retirada imediata e permanente do oxigênio encontrado no meio do material armazenado. Para que isso aconteça, é necessário que haja uma boa fragmentação e compactação do material para que o ar contido na massa, possa ser expulso. A ausência de ar vai facilitar a ocorrência de fermen-

tação anaeróbica. É justamente este tipo de fermentação que possibilita a conservação do material e garante a boa palatabilidade aos animais. A presença do ar em meio ao material armazenado pode estragar o produto e ainda fazer com que ele seja rejeitado pelos animais em função do sabor.

A ensilagem é uma técnica simples e, se bem feita, com retirada adequada do oxigênio, sempre dará certo e o produtor só tem a ganhar, pois terá alimento para os animais no período de entressafra de pastos.

TIPOS DE SILOS — Muitos são os tipos de silos que permitem uma boa compactação e armazenagem do material ensilado. Na região tem havido a propagação dos silos tipos torta e trincheira com revestimento e cobertura de lona plástica. O cálculo das dimensões deve levar em conta o período de utilização e o número de animais a serem alimentados.

SILO TORTA — Este tipo de silo consiste na deposição do material a ser ensilado na superfície do solo de forma que se possa fazer a compactação através de trator ou pisoteio. Após a compactação, o material ensilado deve ser coberto com lona plástica, abrindo-se valetas na volta para evitar a penetração da água da chuva na silagem. Em lugares planos faz-se necessário elevar-se o nível do terreno para evitar a penetração da água.

SILO TRINCHEIRA — Até algum tempo atrás, quando se falava em silo trincheira, logo vinha à mente um silo de alvenaria com parede revestida de tijolos. Hoje, com a expansão do uso do plástico na agricultura, se tornou possível fazer silos deste tipo, bem mais baratos e dinâmicos.

O silo trincheira consiste em cavar um buraco no solo com as dimensões determinadas pelo período

que se quer armazenar o alimento e, também levando em conta o número de animais a serem alimentados. É recomendável não fazer silos muito grandes. O silo trincheira apresenta a vantagem de facilitar a compactação

do material, uma vez que as paredes facilitam a prensagem no processo de ensilagem, evitando a presença de oxigênio, permitindo uma fermentação adequada do material.

É possível produzir silagem a partir de diversas plantas como a alfafa, ervilhaca, aveia, azevém, capim elefante, milho, entre outros. Porém, cada uma das forrageiras apresenta certas exigências quanto ao ponto de corte e conteúdo de umidade, que precisam ser observados até pela preservação da qualidade da silagem.

A silagem de milho é a mais conhecida. É de boa qualidade, pois além de produzir um considerável volume de matéria por hectare, possui nutrientes, digestibilidade e palatabilidade que contribuem para uma boa nutrição dos animais. Os pastos elefantes podem ser ensilados, constituindo-se assim, em reservas para os períodos de entressafra da produção de pastos.

Trabalhos realizados na Epamig/Minas Gerais, por J.J. Ferreira, comprovaram a viabilidade da mistura de milho com capim elefante na formação da silagem. Utilizando-se silagem de milho, foi atingido um ganho de peso diário de 940 gramas. O mesmo trabalho ainda mostra que, utilizando a silagem do capim elefante — Cameroon —, de forma isolada, sem misturar ao milho, o ganho de peso diário dos animais chegou a 257 gramas. Já a silagem composta por um terço de milho e dois terços de Cameroon promoveu resultados melhores em termos de ganho de peso dos animais. Neste caso, o ganho de peso diário dos animais chegou a 638 gramas. Mas ao se aumentar a porcentagem do milho na silagem, passando a proporção para dois terços e apenas um terço de Cameroon, o ganho de peso diário chegou a 928 gramas, não apresentando muita diferença em comparação ao uso da silagem produzida apenas com o milho, sem qualquer mistura.

Para que a nossa produtividade na pecuária de corte e de leite seja efetiva e constante, devemos trabalhar com silagem e feno num sistema integrado com a forrageira de consumo direto. Desta forma, estaremos estabilizando a produção durante todo o ano, evitando os vazios provocados pela sazonalidade das pastagens cultivadas e perenes.

Onairo Sanches é engenheiro agrônomo da Cotrijuí na unidade de Ijuí.

BOLSA DE NEGÓCIOS

- * Uma junta de bois, mestiço zebu, com 5 anos de idade. Tratar com Erasmo de Jesus, em Mauá, interior de Ijuí.
- * Um terneiro charolês para reprodução, com 9 meses de idade e peso aproximado de 450 quilos. Tratar com Sirineo Pavani.
- * Uma junta de vacas de leite, um galpão, uma roda d'água de ferro. Tratar com Marciano Wisneske, Linha 2 Norte, Chorão, interior de Ijuí.
- * Uma vaca Jersey e duas matrizes Wessex, pesando 80 quilos. Tratar com Ivani Jappe no Parador, Ijuí ou pelo telefone (055) — 332-5769.
- * Uma automotriz SLC-1000, ano 1973, com flexibarra. Tratar com Alcio Schneider, na Cotrijuí em Ijuí.
- * Vende-se uma colheitadeira SLC-1000, ano 1975, motor reformado, plataforma flexível, revisado. Tratar pelo fone (055) 332-5759, ramal 7.
- * Adubo orgânico — esterco de galinha. Tratar Cotrijuí de Ijuí, pelo ramal 209.
- * Uma casa de madeira mista com 6x10 metros quadrados e terreno medindo 10x50, arborizado, cercado com tela, localizado a duas quadras da Cotrijuí. Recebe carro ou caminhão no negócio. Tratar com Nilo Pereira, na rua Emílio Haumann, 190, Bairro Thomé de Souza, em Ijuí.
- * Vende-se uma casa de madeira 7x5, com banheiro, terreno de 15x10, murado, calçamento. Rua José Carlos Santos, 666. Bairro São José. Tratar com Vanderlei, ramal 250 Cotrijuí.
- * Vende-se uma trilhadeira Pampa, capacidade 150 sacos ou troca-se por 30 sacos de soja ou uma vaca holandesa 500 Kg. Tratar na Cotrijuí com Vanderlei.
- * Vende-se um terreno 13x50, com casa 7x9. Valor 800 sacos de soja. Aceita-se proposta. Tratar Rua Júlio Lopes, 571, Bairro Jardim.



Silo trincheira
Modelo revestido apenas com lona plástica

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, tem um novo presidente: é Júlio Gabbi, um jovem agricultor disposto a colocar sangue novo na entidade e a buscar uma maior politização do produtor, através do seu reconhecimento enquanto classe irabalhadora

SINDICALISMO

Em Ijuí, uma nova liderança

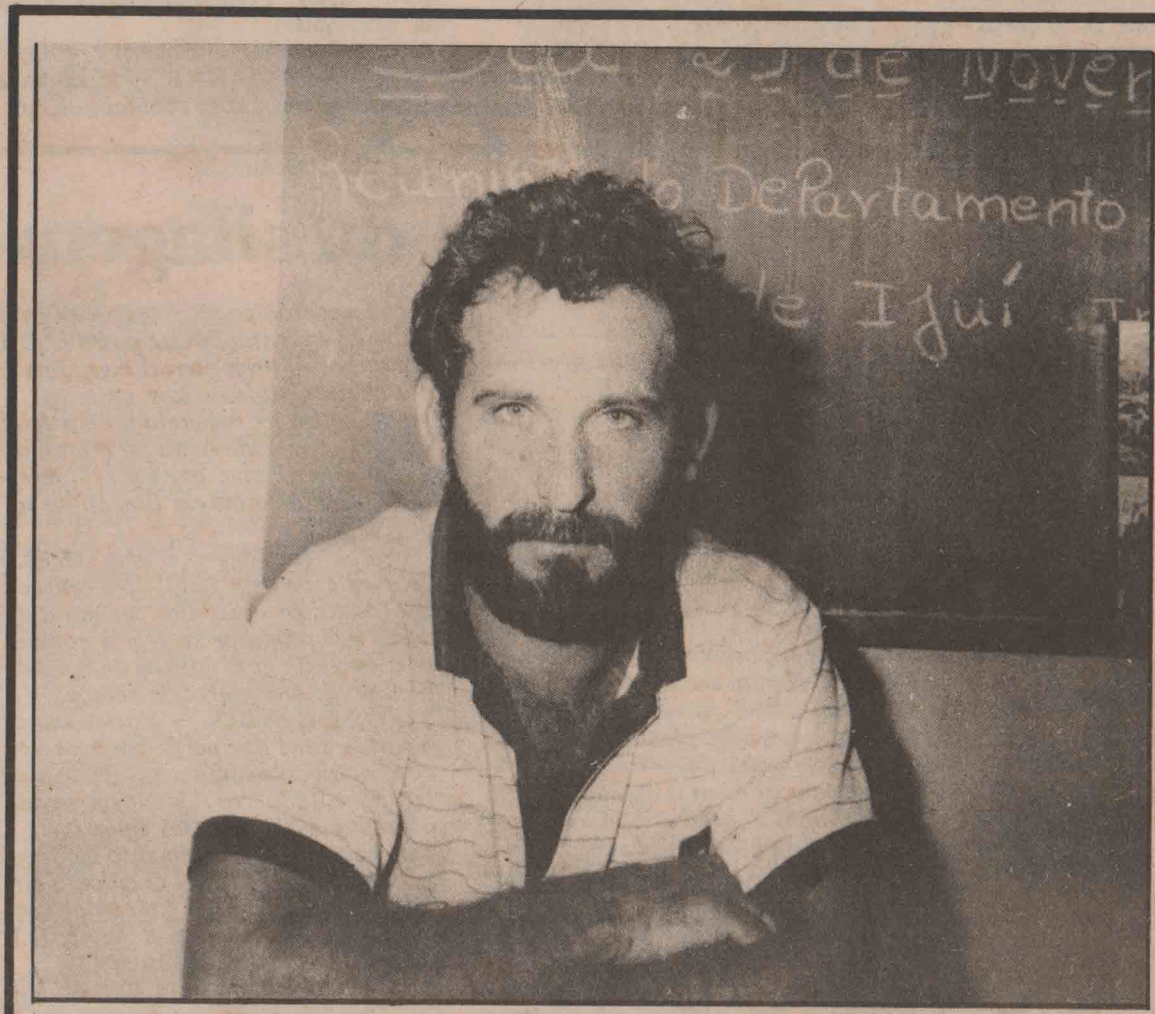
Um sindicato mais combativo, voltado essencialmente ao trabalho de educação do pequeno produtor em todas as suas instâncias de luta é o que defende o novo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí — Regional da Fetag, Júlio Gabbi, eleito nos dias três e quatro de novembro do ano passado e com posse marcada para o dia 16 de janeiro. A frente de uma entidade que possui hoje cerca de três mil e quinhentos sócios atuantes, Júlio Gabbi é um agricultor jovem que trabalha no distrito de Salto, na propriedade de 42 hectares do pai, o representante da Cotrijuí Euclides Gabbi, de onde saiu várias vezes para participar ativamente do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Estado.

Eleito em chapa única, com 93 por cento dos votos, Gabbi representa a entrada de "sangue novo" dentro de um trabalho que vem sendo realizado há mais de uma década pela entidade. Com 31 anos, solteiro, o novo presidente iniciou na luta sindical a partir da organização da juventude rural do município, passando depois, junto com outros agricultores, a estruturar o Movimento Sem Terra em Ijuí. A experiência lhe valeu a integração como membro da Comissão Estadual do Sem Terra, em 84, através da qual participou de vários protestos e ocupações de agricultores sem terra, como a da Fazenda Annoni, em 85 e outras mais recentes em Palmeira das Missões e Cruz Alta.

ATENÇÃO AO JOVEM — Por causa dessa militância, Gabbi entende que o trabalho desenvolvido pelo sindicato deve ser pelo fortalecimento das questões ligadas ao sem terra, representado hoje por 25 por cento dos sócios do sindicato, ou seja, os jovens agricultores, para que ocupem o mesmo espaço de discussão e organização daquelas ligadas ao pequeno produtor, a mulher e aos assalariados rurais. "Queremos fortalecer a discussão dentro de cada departamento, sem esquecer, contudo, os problemas momentâneos," acentua o novo presidente, salientando que o ponto de culminância é "a transformação da sociedade onde a maioria tem pouco ou nada e a minoria tem muito."

Para auxiliá-lo neste trabalho que ainda prioriza a formação de novas lideranças, Gabbi conta com outros jovens sindicalistas, além do atual presidente Carlos Karlinski, eleito vice-presidente, que deverão aprofundar a estrutura de educação e organização no meio rural. "A nossa maior preocupação é elevar o nível de consciência política do produtor, que muitas vezes não entende o que está se passando no momento político," diz ele, esperando realizar "um trabalho de equipe onde ninguém se omita de ir a campo."

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA — Destoando um pouco de alguns sindicalistas da região que abominam a classe política, Gabbi pensa que o produtor deve considerar sempre aqueles políticos que apresentem propostas em favor



Júlio Gabbi: campo e cidade representam dois escravos algemados em correntes diferentes

do trabalhador, como foi o caso de Luís Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais. Ele acha, no entanto, que ainda não é hora do sindicato se definir diretamente por "a ou b", reconhecendo que o produtor tem razões bastante sérias para estar um pouco descrente da política, principalmente em função de exemplos passados, quando vários nomes apoiados, inclusive pela Federação, acabaram na lista negra.

Eleito num ano de importantes decisões políticas para o País, Gabbi também não deixa de comentar os resultados da eleição e a ausência de propostas claras em relação a reforma agrária, salários e política agrícola para o pequeno produtor, por parte de Fernando Collor de Mello. "Não acredito que ele venha trazer grandes melhorias para o pequeno agricultor e nem para o operário," afirma o presidente, que viu nesta eleição um fortalecimento da direita, mas ao mesmo tempo, com a votação de Lula, uma amostra de que o povo organizado está tentando assumir a sua parte.

"Espero que o Collor, pelo menos trabalhe um pouco, porque senão a gente está morto," destaca Gabbi, que já prevê, de qualquer forma "anos duros pela frente, com o capitalismo querendo se estruturar mesmo e o País vivendo um salve-se quem puder."

Pensando nisso, o novo presidente acredita que os sindicatos terão muito trabalho e necessitarão de uma maior participação do associado. Baseando-se em exemplos, como o da falta de financiamentos na safra passada ou mesmo da sua existência com juros tão altos que o produtor acabaria não podendo pagar, o sindicalista chama atenção para vários dos problemas que não podem ser resolvidos individualmente. "É preciso que a revolta do dia-a-dia seja solucionada de forma conjunta, porque com a crise que está aí ninguém consegue sair sozinho da enrascada."

MENOS ASSISTENCIALISMO — Neste campo, as expectativas de Gabbi não são naturalmente, desanimadoras. Como ele mesmo afirma, o interior, aos poucos, está mudando, devido a conscientização de vários produtores enquanto classe trabalhadora. Por isso, diz o sindicalista, "apostamos no trabalho de educação, que reduza gradativamente a visão paternalista e assistencialista do sindicato, embora nunca se deixe de prestar serviços." A mudança é vagarosa, admite ele, "mas um dia, não somente em Ijuí como em toda região, ela terá que acontecer, principalmente em razão da confiança que se deposita no jovem."

Como o novo presidente, também Carlos Karlinski está apostando no fortalecimento da educação, que possi-

bilite uma maior qualidade na organização do produtor. "Sabe-se que as lutas específicas como da previdência, política agrícola, saúde, etc., não vão ter uma solução sem que as causas maiores, como é o caso da dívida externa não sejam atacadas," diz Karlinski, que vê na educação um meio de mobilização pela mudança do modelo econômico e da estrutura de poder. "É preciso que o pequeno produtor tenha consciência da necessidade de ele próprio construir o seu poder, para que um dia reverta este quadro de crise, e se tenha efetivamente uma produção voltada ao mercado interno e uma melhora no poder aquisitivo da classe trabalhadora em geral."

CAMPO E CIDADE — Num aspecto que é considerado decisivo para alcançar estes objetivos, o novo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí mantém uma boa expectativa, já que como ele explica, "os problemas e as lutas estão cada vez mais unânimes." "Vamos ter que mostrar mais ainda, que na realidade, o companheiro da cidade é também um cidadão que dá duro, tem um salário defasado e é explorado igualmente como o produtor. Somos dois escravos algemados em correntes diferentes," exemplifica Gabbi, acreditando numa aproximação mais rápida, caso exista um funcionamento efetivo da Intersindical a respeito das grandes discussões."

Cotrisol

Elaboração e datilografia: Mariluz da Silva Lucchese

Aqui você vai
ilustrar a estória

Vovô Bastião e o feijão

Era um relógio muito avoado, perdia a hora, vivia atrasado, às vezes corria e se adiantava nas contas do tempo, riscava e errava.

Morava na casa do vovô Bastião, panela de barro, arroz com feijão. Vovô Bastião era um bom cozinheiro, provava e comia o dia inteiro.

Vovô Bastião andava irritado, brigava com o tempo, que estava atrasado:

— Que horas são? Me diga ligeiro!

O relógio pensava, entortava o ponteiro, suave, tossia... e não respondia.

Aí vinha a velha Sinhá Bastiana, estava com fome e comia banana.

— Que horas são? Já é hora do almoço? Relógio me diga, senão tenho um troço!

O relógio xingava, dizia:

— Ora veja, as tais hora são, oração é na igreja!

Se for meio-dia, é barriga vazia, é macaco danado que veio da Bahia, fazendo careta pra Dona Sofia!

Meu tempo é sem tempo, não gosto de hora, dizendo um versinho, me mando embora.

E chegava a Sofia, que veio da Bahia, chegava magrela, amarela de fome:

— Cadê? Cadê o almoço? Aqui ninguém come?

Vovô Bastião temperava o feijão, repetia e provava, enquanto comia:

— Eu só sirvo o almoço se for meio-dia!

Vovô Bastião bota louro e pimenta, tempera a panela e o feijão experimenta, e come que

come, e bota toucinho.

— Já sirvo o feijão, falta só um pouquinho!

Vovô Bastião, come, o danado!

Do fogão o velhote, está muito afastado, a barriga não deixa ficar perto, de certo, sua pança balança, o cinto estourando e o Vovô Bastião vai provando e provando.

— Que horas são? Já é meio-dia?

Gemia Sofia, que veio da Bahia.

Sinhá Bastiana, soltando gemidos, não sabe da hora, perdeu os sentidos.

E vovô Bastião prova mais do feijão e come, que come, nem chega ao fogão, a pança parece que agora estoura, coentro pra dentro, azeite, cebola, linguiça torrada, tempero de cheiro, farofa de ovo, e prova de novo!

— Não gema, ó Sofia, Bastiana, levanta, se o almoço não sai, eu garanto a janta!

Eu só sirvo o almoço, se for meio-dia, experimenta e pronto, exijo o ponto, eu como um tiquinho, só mais um toucinho, cozinha bem feita é minha mania!

Que horas que são? Já são meio-dia?

O relógio está tonto e bate bobeira, Bastião adoidado, engole pimenta, e não aguenta, senta na cadeira, mas o peso é pesado, e tudo despenca!

Bastião, o feijão te deixou tão pesado, a hora é agora, é hora certa, de arrumar uma nova, reforçada cadeira!

História de Sílvia Orthof
Nova Escola — Dezembro/1989.

Editorial

Amigos

Foi muito bom ter estado com vocês neste ano. Que em 1990, possamos estar muito próximos através desta nossa constante troca de idéias. Que vocês todos encontrem muita saúde, muita alegria, e principalmente muita criatividade, para que o COTRISOL possa ser cada vez mais, um instrumento feito por vocês.

Feliz 1990!
Meu beijo,
Mariluz.

Polo II — experiência de armazenamento

Hoje, dia 16 de novembro nós concluímos a experiência feita com as pipocas, iniciada no dia 13 de abril de 1989.

Nós guardamos 13 pipocas em espigas com palha, umas com bastante palha e outras com pouca. E ainda guardamos 500g de pipoca debulhada em um saco plástico, e o mesmo foi furado.

Então, hoje podemos perceber que as pipocas que estavam em espigas um pouco abertas caruncharam e as que estavam no saco plástico furado, também. A ainda tinha umas espigas guardadas no silo subterrâneo, que ficaram intactas.

Conclusão: Concluímos que o melhor meio de armazenar grãos desde que corretamente, é o silo subterrâneo, pois no mesmo não circula ar e assim os grãos se conservaram por um longo período, intactos.

3ª e 4ª séries

E. E. Santa Ana Menegazzi — Jóia



Ademilson

A visita

Hoje a professora convidou-nos para fazer um passeio.

A primeira casa que visitamos foi a da professora. Lá olhamos TV, tomamos mate, brincamos com uma ovelha que a professora criou guaxa, olhamos as caixas de abelha, o açude, três patos do Paulo, os terneiros, as galinhas e o porco.

Fomos depois lá na casa olhar os coelhos, o porco que temos no chiqueiro e comemos bergamotas.

Depois fomos olhar o moinho do Roberto.

Foi tudo muito bonito.

Márcio Luís Bender — Augusto Pestana
Escola Pinto Bandeira

A agricultura

A nossa localidade é São João da Bela Vista. Aqui a atividade mais desenvolvida é a agricultura e a pecuária.

Os agricultores cuidam do solo, adubando, lavrando, rastelando, patinando, capinando e preservando.

Eles cuidam desse solo porque sabem que o nosso solo é importante para nossa vida, pois dele é que retiramos grande parte de nossos alimentos.

Esses alimentos que os agricultores retiram do solo, servem para o sustento da família, para os animais e também para a comercialização.

Os produtos retirados deste solo são: soja, milho, arroz, feijão, azevém, aveia, ervilha. Esses produtos são vendidos para a Cotrijuf de Jóia.

Guido — Escola José do Patrocínio — Jóia.

O menino e a palha que falava

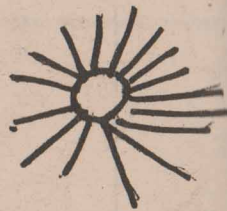
Não derrube as árvores, senão vamos ficar sem oxigênio.

Dona palha, para que serve você?

Sirvo para tantas coisas: cigarro, trança, flor, para fazer fogo.

Agora adeus amigo, vou para o fogo, disse a palha para o menino.

Marinete Terezinha — Polo II — Jóia



Marcelo Schimitt

A indústria

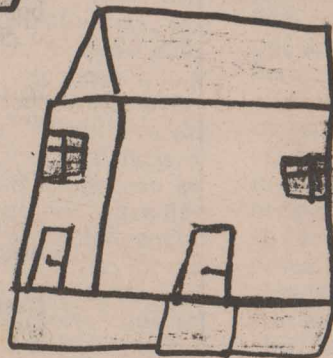
A indústria transforma a matéria-prima em produtos inúteis ao homem.

Assim quem transforma a matéria-prima é a indústria que pode ser caseira ou não.

A indústria pode ser de produtos alimentícios, de móveis, calçados, roupas, etc.

Na indústria caseira é feito: nata, manteiga, queijo, salame.

Andréia Fátima Boturra — Augusto Pestana
Escola Pinto Bandeira



As frutas nos fornecem vitaminas para crescermos fortes e saudáveis.

Sandro — Escola José do Patrocínio — Jóia

Nossa comunidade tem todos esses animais.

Ademilson — Escola José do Patrocínio — Jóia

Sou uma palha

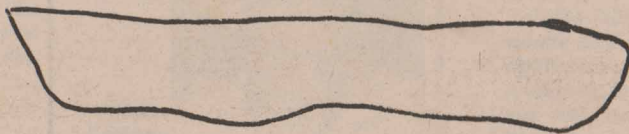
Um grãozinho de milho caiu de cima de um caminhão.

Ele caiu bem na terra fofa e adubada. Um menino estava brincando com água e molhou o grãozinho.

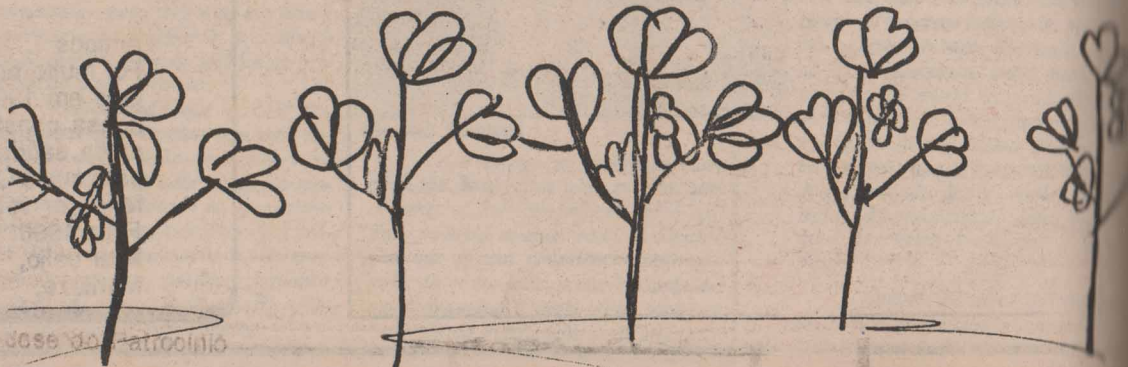
O grão de milho começou inchar e brotar. Ele foi crescendo e foi criando suas folhas.

Depois que estou maduro sirvo de cigarro para os gaúchos, eu sirvo para fazer fogo, porta-panela, colchão de palha, travesseiro de palha, lembrança de palha, cadeira de palha, chinelo de palha, boneca, espanador, cesta, flor, chapéu, milho pras galinhas, sacola de palha e adubo.

Antônio Ribas Neves — Polo II — Jóia

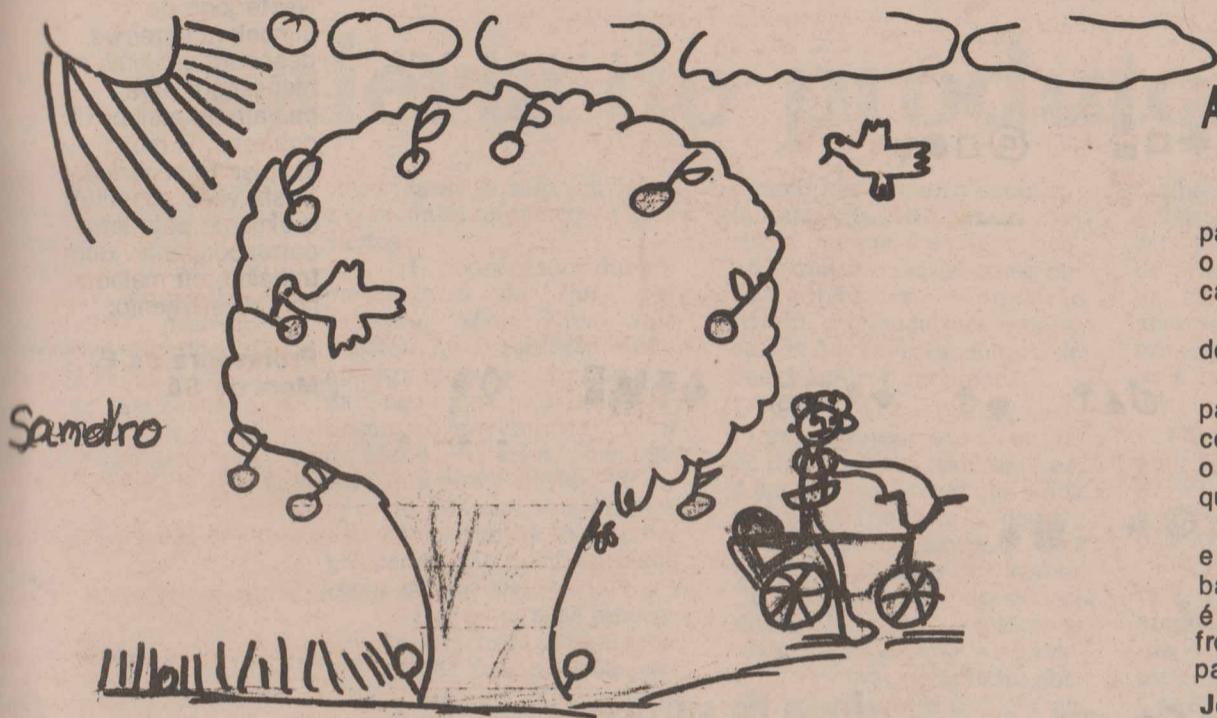


Tatiane Ceribol



Escola José do Patrocínio

Página do Leitor



A pecuária

A pecuária é o trabalho de criar gado.

E do gado sai vários produtos que utilizamos para a nossa alimentação, como: carne, leite e o couro, que é utilizado para fazer calçados e casacos.

Na nossa comunidade as atividades mais desenvolvidas são a agricultura e a pecuária.

Cria-se o gado leiteiro e o gado de corte, mas para isso os pecuaristas devem ter vários cuidados como vacinar o gado, plantar pastagens, chamar o veterinário quando tem um animal doente. A água que os animais bebem não pode ser poluída.

Com isso os animais serão fortes e sadios e irão fornecer carne de boa qualidade e vão dar bastante leite. O leite aqui da nossa localidade é vendido para a Cotrijuf. Todas as manhãs o freteiro passa para carregar o leite. Ele leva o leite para a CCGL em Ijuf.

João — Escola José do Patrocínio — Jóia

A professora

A professora me ensinou tudo.

Desde que eu entrei na 1ª série,

a professora é boa para todos os alunos.

Quando a professora fica brava, ela chama a atenção dos alunos que estão conversando.

Mas sempre a professora foi amiga de todos os alunos.

Eu gosto muito da minha professora porque ela é muito boa para mim.

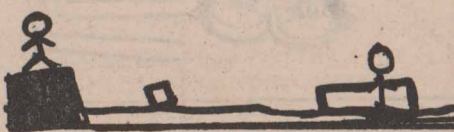
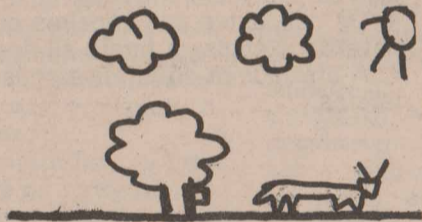
A professora sempre foi minha amiga

A professora ensina a 1ª série, 2ª e 3ª séries, todas juntas.

A primeira série é no quadro pequeno, a 2ª e 3ª é no quadro grande.

Paulo César da Luz —

E, Catorze de Maio



O meio ambiente

O meio ambiente é terra, ar, céu, animais, sol e árvores. O meio ambiente tem animais.

O meio ambiente tem árvores.

As fábricas estão poluindo o ar

Os rios poluídos matam os peixes.

Não se pode lavar roupa no rio, senão polui.

Não se deve queimar as árvores, senão polui o ar.

Não se deve andar com carros que expelem muita fumaça.

O menino disse:

— Não bote lixo no rio.

Não derrube as árvores senão vamos ficar sem oxigênio.



A natureza

A natureza é muito importante, por isso precisamos preservá-la.

Precisamos preservar porque ela faz parte de nossa vida.

As matas verdes são lindas e ajudam as pessoas e os animais fornecendo oxigênio.

Devemos cuidar das plantas porque as pessoas e animais tiram a maior quantidade de alimentos das plantas. Devemos cada vez plantar mais árvores e não derrubar.

Se continuar a destruição, daqui alguns anos não teremos mais matas, peixes, animais e a natureza ficará mais pobre, aumentando a poluição que prejudica nossa saúde.

Devemos conscientizar as pessoas de que a preservação da natureza é de fundamental importância para nossa vida.

Maria Teresinha Padilha — Jóia
Escola José do Patrocínio

Um meio de ganhar a vida

Existem muitas profissões no mundo, tais como: agricultor, professor, fotógrafo, campeiro, desenhista, etc. Mas para conseguir uma profissão é preciso um pouco de estudo. Quanto mais se estudar, melhor.

Existem também pessoas que não podem estudar por falta de oportunidade.

Eu conheço pessoas pobres que não puderam estudar, mas se esforçaram muito para conseguir ganhar a vida. Algumas conseguem, outras tentam e nem sempre conseguem.

Madalena Clarice Costa

E. M. Leonilda Zardim Nicoletti

